



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**O Bolsonarismo como estética: uma análise das expressões  
sensíveis na eleição de 2018 a partir dos conceitos de Jacques  
Rancière**

**Brunno Motta Castanho de Figueiredo**

Rio de Janeiro  
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**O Bolsonarismo como estética: uma análise das expressões  
sensíveis na eleição de 2018 a partir dos conceitos de Jacques  
Rancière**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Bacharel em Jornalismo.

**Brunno Motta Castanho de Figueiredo**

**Orientador(a): Profa. Ma. Amanda de Souza Santos**

**Coorientador(a): Prof. Dr. Fernando Antonio Soares Fragozo**

Rio de Janeiro

2023

# FICHA CATALOGRÁFICA

## CIP - Catalogação na Publicação

Figueiredo, Brunno Motta Castanho de

F475b      O Bolsonarismo como estética: uma análise  
das  
expressões sensíveis na eleição de 2018 a  
partir dos conceitos de Jacques Rancière /  
Brunno Motta Castanho de Figueiredo. -- Rio de  
Janeiro, 2023.  
77 f.

Orientadora: Amanda de Souza Santos.  
Coorientador: Fernando Antonio Soares  
Fragozo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola  
da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:  
Jornalismo, 2023

1. Bolsonarismo. 2. Estética Política. 3.  
Jacques Rancière. 4. Comunicação Digital. 5.  
Eleições 2018. I. Santos, Amanda de Souza,  
orient. II. Fragozo, Fernando Antonio Soares,  
coorient. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **O Bolsonarismo como estética: uma análise das expressões sensíveis na eleição de 2018 a partir dos conceitos de Jacques Rancière**, elaborado por **Brunno Motta Castanho de Figueiredo**

Aprovado por

*Amanda Santos*

---

Profa. Ma. Amanda de Souza Santos



---

Prof. Dr. Fernando Antonio Soares Fragozo

*Cristiane Costa*

---

Prof. Dra. Cristiane Henriques Costa

*Paulo Roberto Pires*

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Pires

Grau: 10

Rio de Janeiro, no dia 18/12/2023

Rio de Janeiro

2023

Para Dona Penha, vovó que me ensinou que ninguém pode tirar aquilo que se aprende; para minha mãe, Anna, que fez de tudo para que eu continuasse a aprender

## AGRADECIMENTOS

É repetitivo, mas não existiria este trabalho sem a minha avó, Penha (*in memoriam*), e sem minha mãe, Anna. Toda conquista minha decorre da criação de vocês. Vó, mãe, foram vocês que me ajudaram a preencher os claros da vida. Por isso e por batalharem sempre por e comigo, muito obrigado. Não gostaria que fosse de qualquer outra forma senão com vocês.

À UFRJ, por tudo o que me ensinou dentro e fora da sala de aula. Agradeço a professora Cristiane Costa, que acreditou em mim como aluno e profissional quando eu nem mais era capaz de acreditar. Muito do que serei como jornalista, devo a você. E, também por isso, agradeço a Helena Borges, filha de Minerva que, com todo o zelo do mundo, me mostrou que o jornalismo é muito mais do que parece ser.

Ao professor Fernando Fragozo, do qual a matéria gerou há tempos a ideia que permeia essas páginas. Agradeço a professora Amanda Santos pela paciência, atenção e orientação que foram fundamentais para organizar as ideias dispersas na cabeça e fazer possível que este trabalho existisse no papel.

Aos amigos, da UFRJ e de fora, que fizeram esta jornada de anos muito mais tranquila e divertida. Mas também a Julia Lages, amor que se confundiu com parceria pelas horas a fio ao meu lado em todos os momentos dessa criação. Pelo apoio, pela atenção, pelo tempo, pelo carinho, mas especialmente pelo amor - obrigado. As coisas são muito melhores com você por perto.

*“O real precisa ser ficcionado para ser pensado.”*

(Jacques Rancière)

MOTTA, Brunno Castanho de Figueiredo. **O Bolsonarismo como estética: uma análise das expressões sensíveis na eleição de 2018 a partir dos conceitos de Jacques Rancière**. Orientador(a): Amanda de Souza Santos. Coorientador(a): Fernando Antonio Soares Fragozo. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2023.

## RESUMO

Este trabalho explora a ascensão do Bolsonarismo na política brasileira, focando na criação de uma estética política específica, especialmente por meio de seu líder espiritual, Jair Bolsonaro. Utilizando uma abordagem multidisciplinar, o estudo incorpora uma revisão bibliográfica, baseada em autores como Castro, Solano e Nunes, para contextualizar historicamente o Bolsonarismo e suas principais estruturas e padrões. Central à análise é a hipótese de que o Bolsonarismo configurou uma estética única, redefinindo a "partilha do sensível", conforme teorizado por Jacques Rancière. Esta reconfiguração é examinada através de um estudo de caso detalhado das postagens de Bolsonaro no Facebook, de agosto a outubro de 2018, enfatizando como a estética bolsonarista afetou a percepção e a prática política por meio de uma comunicação que atizou afetos e emoções. Este estudo se esforça para tentar desvendar as estratégias comunicativas de Bolsonaro, mas também iluminar a interação dinâmica entre estética, política e a transformação da comunidade política.

Palavras-chave: Bolsonarismo; Estética Política; Jacques Rancière; Comunicação Digital; Eleições 2018.



## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	1
<b>2. Um militar sai da caserna e vai a Brasília</b>	6
2.1. O fim após o fim; o início antes do início	6
2.2. A fundo no Bolsonarismo	8
2.3. Um adendo de contextos	13
2.4. A égide das redes	16
2.5. Bolsonarismo e as estéticas, um preâmbulo	19
<b>3. A estética e a política para Jacques Rancière</b>	22
3.1. Origens do termo estética	22
3.2. A partilha do sensível, regimes de identificação da arte e outras estruturas na obra de Jacques Rancière	24
3.3. Estética e política em Rancière: um horizonte além da arte	28
<b>4. Dentro de um recorte do Bolsonarismo</b>	36
4.1. Uma amarração frente ao estudo de caso	36
4.2. O mito na rede azul, uma análise	41
4.3. Outubro, o mês da consolidação do Bolsonarismo	52
<b>5. Considerações finais</b>	60
<b>6. Referências bibliográficas</b>	64
<b>7. Anexos</b>	66

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Captura de tela de postagem no Facebook de Jair Bolsonaro em 26 de agosto de 2018 44
- Figura 2** - Captura de tela de postagem no Facebook de Jair Bolsonaro em 28 de agosto de 2018 45
- Figura 3** - Captura de tela de postagem no Facebook de Jair Bolsonaro em 11 de setembro de 2018 49
- Figura 4** - Captura de tela de postagem no Facebook de Jair Bolsonaro em 15 de setembro de 2018 52
- Figura 5** - Captura de tela de postagem no Facebook de Jair Bolsonaro em 9 de outubro de 2018 55
- Figura 6** - Captura de tela de postagem no Facebook de Jair Bolsonaro em 12 de outubro de 2018 56

## 1. INTRODUÇÃO

A política brasileira, tradicionalmente marcada por uma tendência conservadora, tem experimentado momentos de transformações significativas e notáveis nas primeiras décadas do século XXI. Após os governos de Lula, que marcaram uma era de mudanças nos paradigmas sociais, a década seguinte testemunhou uma espécie de descontentamento crescente com o modelo convencional de política institucional. Algumas coisas podem mudar, mas a trajetória da democracia da Nova República em Brasília se manteve muito similar, persistindo assim até os eventos do impeachment e a eleição de Jair Bolsonaro. Em meio à normalidade dos acontecimentos políticos, é essencial ficar atento quando um fenômeno incomum surge, alterando o que é habitual na democracia. E, na última década, nada representou tanto essa ideia de ruptura - em sentidos afetivos de seu eleitorado, em sentidos literais das estruturas políticas consolidadas, em sentido em como a política ensaiava que seria daqui pra frente - do que a eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

Este estudo se propõe a investigar o fenômeno do Bolsonarismo, com foco especial na eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Analisaremos as táticas comunicativas e estéticas adotadas durante sua campanha, cruciais para a ascensão do ex-capitão ao mais alto cargo do Executivo brasileiro. Adotando uma abordagem multidisciplinar, este trabalho mesclará uma análise política e de comunicação a partir da contextualização histórica do fenômeno Bolsonaro. Procuraremos identificar os valores, símbolos, posturas, linguagens e temas prediletos, que formam as estruturas mais visíveis desse movimento e de seu líder espiritual.

A hipótese central deste estudo postula que o Bolsonarismo desenvolveu uma estética singular, a qual reformulou a “partilha do sensível”, conceito teorizado por Jacques Rancière (2005, 1996) que será de suma importância nesta pesquisa. Esta estética não só alterou a distribuição do que é perceptível no cenário político brasileiro, mas também desafiou as bases da realidade política por meio de variadas estratégias. Tais estratégias buscaram modificar a maneira como a política é percebida e praticada sensivelmente, com o objetivo de incitar uma transformação política na sociedade e, como aconteceu, no poder institucional. Essa abordagem estética foi fundamental para forjar uma narrativa que ressoasse com os sentimentos e percepções do eleitorado, culminando no sucesso eleitoral de Bolsonaro.

A metodologia adotada neste trabalho consiste em uma revisão bibliográfica e histórica sobre Bolsonaro e o Bolsonarismo, baseando-se em autores como Castro (2018),

Solano (2019), Nunes (2022), entre outros. Essa revisão estabelece o contexto necessário para a compreensão da ascensão do Bolsonarismo e suas principais características. Em seguida, visitaremos os conceitos de Rancière para dar uma outra dimensão da análise das postagens em seu perfil, buscando entender como a estética bolsonarista se manifestou e impactou a política brasileira a partir da rede mais popular de seu líder: o Facebook.

Esse estudo quer se inserir numa linha de estudos que busca ressaltar a importância e necessidade do campo da comunicação e da política entender como e porque o Bolsonarismo representou uma ruptura na maneira como a política é conduzida no Brasil, com um movimento que muitos especialistas não conseguiram prever. A ascensão de Bolsonaro e as estratégias que ele adotou desafiaram as convenções políticas e demonstraram a importância de compreender como as narrativas estéticas e afetivas podem influenciar o cenário político no Brasil e no mundo e qual papel exato a comunicação tem nisso. A pesquisa busca oferecer um preâmbulo sobre como a estética e a manipulação dos afetos se tornaram ferramentas cruciais na política moderna, especialmente pela nova direita mundial que no Brasil se encarnou em um movimento que tanto incide quanto é criado por Bolsonaro e pelo Bolsonarismo.

O primeiro capítulo explorará as estruturas desse movimento, apoiando-se em autores que oferecem interpretações sobre sua natureza e características. Assim, irá traçar um panorama do surgimento do seu líder e seu movimento historicamente, destacando suas peculiaridades dentro do cenário político brasileiro e como um deputado de carreira parlamentar inexpressiva teve capacidade de reconfigurar a narrativa política por meio de uma comunicação com diversas particularidades e estratégias a fim de manejar afetos, emoções e até mesmo noções do real. A análise de Bolsonaro como um fenômeno político, que não se limita ao indivíduo, mas abrange um movimento mais amplo, é aprofundada, revelando como a estética e a comunicação nas redes sociais tornaram-se ferramentas fundamentais para mobilizar apoio e redefinir percepções políticas. Para isso, iremos nos valer de autores como Nunes (2022), que aborda o Bolsonarismo como uma aliança interclasses, estabelecida em torno de pontos de referência comuns, tanto identitários quanto políticos, que tendem a falar mais alto do que as suas contradições. Esta análise também irá se debruçar sobre o conceito de “gramáticas comuns” do autor, que, entre matrizes discursivas distintas, conseguiam amarrar o imaginário político que a campanha buscava passar, tanto sobre a oposição quanto dela mesmo. Já a partir de Solano (2019) buscaremos entender melhor a percepção de Bolsonaro como um “antissistema”, um *outsider* capaz de enfrentar uma lógica política representada

como totalmente corrompida. Elementos como antipartidarismo, antipetismo e antiesquerdismo, tanto em sua estética quanto em seu discurso, foram cruciais para sua eleição, capitalizando em uma rejeição generalizada ao velho e promovendo uma apreciação pela nova política. Isso ocorre, ironicamente, através de um político com mais de três décadas de experiência parlamentar.

O segundo capítulo mergulhará nas ideias de Jacques Rancière, particularmente em relação à estética, partilha do sensível e política, visando compreender como podemos aplicar esses conceitos ao que o Bolsonarismo representou em disputa política e estética. Serão eles também insumos para entender como a campanha de Bolsonaro utilizou-se de uma estética para criar uma narrativa política que mobilizou eleitores. Um conceito importante a Rancière (2005) e que será muito importante para esta pesquisa é o que autor define como “partilha do sensível”, que é a maneira pela qual o político e o estético se distribuem no espaço e no tempo, na visibilidade e na invisibilidade, no discurso e no ruído, definindo o que é possível dizer, ver e fazer. Sua teoria sugere que a política envolve a criação ou transformação dessa partilha, especialmente através de ações que desafiam e reconfiguram as percepções e compreensões estabelecidas. O capítulo abordará uma dimensão teórica para ver a prática política de Bolsonaro, especialmente em sua comunicação nas redes sociais. Além disso, o capítulo também explorará como a estética bolsonarista, incluindo a simplificação de questões complexas e a criação de uma narrativa nacionalista, se alinha com a teoria de Rancière sobre a política da estética.

No terceiro capítulo deste trabalho, será apresentado um estudo de caso focado nas postagens do perfil de Jair Bolsonaro no Facebook durante o período eleitoral. Isso nos dará um microcosmos para analisar as estruturas do movimento bolsonarista além de ter noção dos instrumentos e as estéticas empregadas para alterar a partilha conforme discutido no capítulo anterior. Para isso, serão fundamentais as contribuições de Yin (2001) no que tange ao estudo de caso e Bardin (1977), para nos ajudar melhor a entender as postagens a partir da análise do conteúdo aprofundando-se nas nuances de sua estratégia de comunicação. A abordagem de Yin enfatiza o estudo de caso como uma técnica de pesquisa que mergulha profundamente em um fenômeno contemporâneo, inserido em seu contexto real, sobretudo quando não há uma distinção clara entre o fenômeno e seu ambiente. Esta metodologia será ideal para nos dar a base necessária para responder a questões estabelecidas do Bolsonarismo, de como, do que constitui a sua estética e por quais motivos e meios ela consegue afetar o eleitorado. Por outro

lado, a análise de conteúdo de Bardin complementar essa abordagem ao possibilitar um exame mais detalhado do discurso. Esta técnica considera não somente o texto em si, mas também seu subtexto e elementos não-verbais, permitindo uma compreensão mais abrangente da comunicação, especialmente se tratando de postagens do Facebook do então candidato.

O capítulo vai tentar mostrar como as escolhas estéticas e discursivas de Bolsonaro nas redes sociais, especialmente entre agosto e outubro de 2018, demonstraram uma estratégia comunicativa sofisticada e multifacetada, com destaque para o uso estratégico de símbolos nacionais e a narrativa contínua de combate à corrupção, visando redirecionar a percepção do público para o candidato como uma última bala de prata para chacoalhar uma política institucional viciada. Observaremos como a campanha se mostrou eficaz em construir uma imagem de Bolsonaro como um político apoiado por diversos segmentos da sociedade, desafiando a noção de que seu apoio estaria restrito a nichos específicos.

A análise tentará revelar como a comunicação de Bolsonaro no Facebook transcendia a simples transmissão de informações políticas, engajando-se na construção de uma narrativa estética polarizada. Autores como Solano (2019) nos darão ferramentas para revelar essa dinâmica, destacando a polarização entre petismo e antipetismo e o papel do afeto na política de Bolsonaro, respectivamente. Ainda, como a esperança vinculada à figura de Bolsonaro refletia um desejo de mudança e ruptura com o sistema político vigente. Também avaliar como a campanha soube usar estética e retórica para construir uma imagem de Bolsonaro como um agente de mudança, atraindo um eleitorado desiludido com o *establishment* e ávido por renovação. Essa capacidade de apelar aos sentimentos do eleitorado, articulando um discurso que vai além da política partidária, é crucial para entender sua ascensão e o forte apoio mobilizado. E como a campanha capitalizou no medo e na manipulação de afetos negativos como instrumentos políticos, frequentemente atacando o campo progressista e acadêmico com investidas morais.

Assim, ao abordar o Bolsonarismo sob esta lente multidisciplinar, o presente estudo busca desvendar as complexas interações entre política, comunicação e estética. A análise proposta focará em como a singularidade do Bolsonarismo - sua estética, sua retórica e sua capacidade de mobilização - reflete e ao mesmo tempo remodela o cenário político brasileiro. Investigaremos como a ascensão de Bolsonaro não apenas alterou a dinâmica política, mas também redefiniu as percepções e as práticas dentro da esfera pública.

Neste contexto, este trabalho se dedica a entender os mecanismos por meio dos quais

o Bolsonarismo conseguiu estabelecer uma nova “partilha do sensível”, alterando a maneira como a política é percebida e vivida no Brasil. O objetivo é traçar um panorama que esclareça as mudanças no discurso político, na comunicação e nas relações sociais que emergiram com este fenômeno. A partir da compreensão desses elementos, buscamos oferecer uma visão mais ampla sobre os impactos e as implicações na sociedade brasileira contemporânea.

## **2. UM MILITAR SAI DA CASERNA E VAI A BRASÍLIA**

### **2.1. O fim após o fim; o início antes do início**

No dia 8 de janeiro de 2023, um movimento iniciado há quase 10 anos, mas que só se formalizou como plataforma política em 2018, teve um fecho. Por volta de três horas da tarde daquele domingo, apoiadores do agora ex-presidente da República Jair Bolsonaro invadiram a sede dos Três Poderes em Brasília. Entre saques, vidraças quebradas e obras de arte danificadas, a representação concreta de uma institucionalidade política foi abalada. E abalada por gente vestida de verde e amarelo e um ar caótico, tudo devidamente registrado nas redes sociais dos próprios invasores. A tentativa malograda de abolição do Estado Democrático de Direito só resistiu por algumas horas. Os invasores foram presos e, meses depois, seu líder espiritual estaria inelegível por oito anos.

O oito de janeiro pode não ser o fim do Bolsonarismo, mas funciona como o fim de um arco. Ironicamente, esse arco começou também com um atentado - ou uma tentativa de atentado. Em 1987, o então Tenente do Exército Jair Bolsonaro apareceu nas páginas da revista *Veja* com um plano. À reportagem, o militar reivindicava melhores vencimentos para a sua categoria: se não houvesse um aumento de 60% ou mais, bombas iriam explodir em instalações militares (VEJA, 2018). Bolsonaro desmentiu a entrevista, mas, na semana seguinte, a *Veja* publicou uma reportagem com os croquis dos planos feitos por Bolsonaro. Um deles exibia o funcionamento de uma bomba-relógio capaz de explodir uma tubulação da adutora do Guandu, que abastece de água a região metropolitana do Rio de Janeiro.

Ali, apareceu o militar que foi considerado pelo próprio Exército como excessivamente ambicioso e com sinais de imaturidade. Bolsonaro foi julgado pelo Superior Tribunal Militar, mas foi absolvido por nove votos a quatro. Ainda em 1988, consegue se eleger vereador pela cidade do Rio de Janeiro, e dois anos depois, deputado federal (ARAGÃO, 2022). Essa trajetória, marcada por controvérsias e polêmicas, mas com a legitimidade conferida pela absolvição no tribunal, impulsionou seu surgimento no cenário político daquele ano. Durante a campanha, como narra a jornalista Carol Pires, em *Retrato Narrado* (2020)<sup>1</sup>, ele fez uso de diversas táticas, como jogar panfletos dentro dos quartéis, o

---

<sup>1</sup> O podcast “Retrato Narrado”, conduzido pela jornalista Carol Pires, dedicou sua única temporada à investigação da trajetória de Jair Bolsonaro. Iniciado em 2019, este trabalho em seis episódios de cerca de uma hora se aprofunda na história de Bolsonaro, explorando como ele, um deputado federal que era pouco destacado pela grande mídia e frequentador de programas de auditório, acabou sendo visto por muitos eleitores como a solução para o Brasil.



que é ilegal. Essas estratégias não cessaram, em determinada ocasião ele simulou um problema mecânico na Ponte Rio-Niterói para fazer campanha, em outras colava cartazes em ônibus. Como deputado, se notabilizou por fazer escândalos e intencionalmente chamar a atenção da imprensa.

No podcast, a jornalista destaca nisso um paralelo entre Bolsonaro do começo com a essência que veríamos no candidato em 2018 e depois. Mas, nos anos 90, Bolsonaro cultivou apenas um público: os círculos militares, especialmente de patentes mais baixas. Ela relata que, em meados dos anos 90, Bolsonaro começou os discursos de retorno da ditadura militar e disse em entrevista ao programa Câmara Aberta, da TV Bandeirantes, que o então presidente Fernando Henrique Cardoso deveria ter sido fuzilado ao lado de mais de 30 mil durante a ditadura militar. Logo depois, ele escalou para um discurso de “bandido bom é bandido morto”. Em novembro de 2003, durante o primeiro governo Lula, Bolsonaro se envolveu numa briga pública após uma discussão sobre a redução da maioria frente ao caso do Champinha, jovem que matou, torturou e estuprou um casal de namorados. A Rede TV entrevistou Bolsonaro e, durante a sua fala, a deputada Maria do Rosário, do PT, o interrompeu e disse que os discursos do deputado estimulavam a violência, como o estupro. Em resposta, Bolsonaro vociferou contra a deputada: “Jamais iria te estuprar porque você não merece”. Um vídeo que iria acompanhá-lo por toda a sua carreira política.

Foi após o mensalão que Bolsonaro aumentou o tom contra a esquerda, associando o governo da situação aos inimigos da ditadura militar. A partir disso, os detalhes falsos, distorções e até informações completamente irreais se tornaram parte do fazer político do deputado, seguidamente reeleito apesar das declarações que buscavam chocar. Um mesmo *modus operandi* que usaria anos depois contra o presidente da OAB, Felipe Santa Cruz, ao dizer que contaria o motivo para o pai ter desaparecido na ditadura militar (MAZUI, 2019). Um dos exemplos mais marcantes foi a controvérsia em torno do chamado *kit gay* durante a eleição presidencial de 2018. Como explica reportagem da Folha de S. Paulo (PINHO, 2022), essa polêmica teve origem em 2010 com a apresentação do programa Escola sem Homofobia do Ministério da Educação (MEC), destinado a combater a homofobia nas escolas.

O material incluía conteúdos educativos sobre sexualidade destinados a gestores e estudantes. A controvérsia surgiu quando os vídeos do programa foram divulgados antes da avaliação interna pelo MEC e uma comissão de especialistas. Posteriormente, Bolsonaro, em sua campanha presidencial, distorceu o propósito do material, associando-o ao livro

infantojuvenil Aparelho Sexual e Cia., que nunca fez parte do currículo escolar, e que havia sido comprado pela Fundação Biblioteca Nacional para bibliotecas públicas, não para escolas.

Ao longo dos 27 anos em que esteve como deputados federal, conseguiu angariar o apoio de outros públicos para além dos círculos militares, como evangélicos, conservadores e até olavistas - seguidores do autointitulado filósofo Olavo de Carvalho que dava cursos, chamados por ele, de filosofia pela internet - a partir de vários meios, como a imprensa, mas que se consolidaram quando o debate público já tinha as redes sociais como um de seus principais campos.

As correntes já estavam se formando muito antes da eleição de 2018. Um exército de jovens tinha criado para ele uma fábrica de memes gratuita; um autointitulado filósofo dava um verniz intelectual para aqueles que se sentiam ignorados pelo debate público; os evangélicos emprestaram suas redes de contatos, novos sites tiravam as ideias de direita do armário e jovens enérgicos convocavam manifestações de rua contra a classe política. (PIRES, 2020, ep. 4, 54:00)

## 2.2. A fundo no Bolsonarismo

A transformação de Bolsonaro em meme nas redes sociais teria tido início no ano de 2014, segundo a jornalista Carol Pires. Naquele ano, uma montagem com o vídeo da discussão entre Bolsonaro e Maria do Rosário viralizou nas redes. Na montagem, o vídeo é acompanhado pela música *Turn Down for What*, e, no momento em que Bolsonaro afirma que não estupraria a deputada petista por ela “não merecer”, o vídeo congela e óculos escuros pixelados descem até encontrar o rosto do deputado. A frase em inglês ganhou destaque no Brasil em razão de diversos memes nas redes sociais, sendo interpretada como alguém que acertou, que foi incisivo ao expressar sua opinião sobre um assunto específico. Portanto, essa expressão é empregada quando tal pessoa faz um comentário tão certo que põe fim ao debate sobre o tópico em questão. Esse foi apenas o primeiro de uma série de memes que se utilizavam da mesma estrutura para representar de falas do então deputado, as “mitadas”, como ficaria depois conhecido essas situações, um meme gerando outro meme.

Essa foi apenas uma das muitas produções que, organicamente ou não, retrataram Bolsonaro sob uma estética das redes sociais. E, como a própria Carol Pires revela, esse meme ensejou um outro campo em que a disputa política também iria acontecer além das ruas e da institucionalidade: o virtual. No entanto, pouquíssimos observadores políticos prestaram

atenção em como a fama de Bolsonaro era maior do que aparentava. Enquanto era visto pela maioria dos analistas políticos apenas como um deputado folclórico sem grande importância, na internet, isso não era impedimento a sua popularidade, talvez ao contrário, especialmente quando visto por uma onda de direita que surgia na rede em meados da década passada e iria inundar o mundo político em 2018.

O cenário começou a mudar significativamente em 2014, quando Bolsonaro foi reeleito como o deputado federal mais votado pelo Rio de Janeiro, com 464 mil votos (UOL, 2014). Esse aumento expressivo em sua votação indicava um crescimento em sua base de apoio e uma maior aceitação de suas ideias conservadoras. A ascensão de Bolsonaro, no entanto, não se limitou a números de votos; sua presença nas redes sociais começou a ganhar força, ampliando seu alcance e influência, especialmente entre novos públicos que surgiram na esteira do movimento de impeachment de Dilma Rousseff.

A corrida presidencial de 2018 foi o ápice dessa trajetória ascendente. Um mês antes da eleição de 2018, Bolsonaro tinha 24% das intenções de votos de acordo com o Datafolha (MEDEIROS; ADRIANA, 2022). Com reduzido tempo de campanha televisiva, Bolsonaro usou estrategicamente as redes sociais, especialmente o Whatsapp, para se conectar com os eleitores, posicionando-se como um *outsider* e um candidato *anti-establishment*. A estratégia provou ser eficaz, e sua campanha ganhou impulso rapidamente. Bolsonaro foi dado por muitos como um candidato que iria perder fôlego ao longo da corrida eleitoral e que não tinha uma máquina de campanha com capilaridade o suficiente. Para a surpresa de vários analistas, ele não só se elegeu para o cargo mais alto do Executivo com mais de 57 milhões de votos, mas também garantiu a sua sigla, o PSL, uma grande base no Legislativo. Para se ter ideia do fenômeno, o partido, fundado em 1994, era um nanico até as eleições de 2018. Em 20 anos de existência, o partido não tinha ocupado mais do que uma cadeira na Câmara de Deputados por eleição. Quando começou o ano de 2019, ele era a segunda maior bancada do Congresso com 52 parlamentares (NICOLAU, 2018).

No entanto, além do encadeamento de alguns dos principais fatos que compõem a história do candidato, precisamos ir um pouco mais fundo para entender como um deputado inexpressivo, que fez das suas declarações extremas uma marca, foi capaz de realizar uma guinada brusca da história da política institucional. É preciso entender o movimento que tornou isso possível, é preciso entender o Bolsonarismo.

Um dos erros mais comuns, segundo Rodrigo Nunes, filósofo e professor da

PUC-Rio, é a confusão entre o movimento e o homem que dá nome a ele. Não à toa, o capitão do exército parece ser o cerne desse movimento, mas um cerne em muitas frentes. Portanto, o Bolsonarismo refere-se a:

(...) um segmento social que, ao longo dos últimos oito e tantos anos, adquiriu uma orientação política explícita por meio de um processo de retroalimentação com lideranças como Bolsonaro – ainda que o fato de que este último tenha vindo a dominá-lo seja em si mesmo contingente. (NUNES, 2022, p. 19)

Nunes é o autor do livro *Do Transe à Vertigem* (2022). Esta obra explora o cenário político e social brasileiro, com foco no surgimento e consolidação do Bolsonarismo, e propõe uma reflexão sobre os desafios contemporâneos frente às fantasias da extrema direita. Na sua coletânea de ensaios, Nunes argumenta sobre o fenômeno do Bolsonarismo, que exige uma abordagem multifacetada que considere múltiplas escalas temporais e pelo menos quatro dimensões de análise. Primeiramente, Nunes destaca a importância de reconhecer as diversas origens discursivas que formaram a base do Bolsonarismo, indicando uma convergência de diferentes correntes de pensamento. Além disso, ele sublinha a necessidade de entender as “gramáticas comuns”, isto é, os mecanismos de comunicação que permitiram a interação e compatibilidade entre essas matrizes discursivas distintas. Os memes e outras práticas citadas acima são exemplos precisos disso, no qual certas mensagens são editadas sob a estética das redes.

Nunes argumenta que o conceito de matrizes discursivas no Bolsonarismo não implica uma prioridade da linguagem sobre aspectos emocionais ou corporais. Ao contrário, ele vê a relação entre a linguagem e essas esferas como dinâmica e recíproca. A linguagem tem o poder de nomear experiências já sentidas no cotidiano, fazendo com que estas reverberem entre as pessoas. Ao nomear esses fenômenos, a linguagem permite que eles se tornem comunicáveis, ampliando sua dimensão pública e estabelecendo um novo contexto de referência para a percepção e sensibilidade das pessoas.

As matrizes discursivas devem, portanto, ser consideradas como geradoras não apenas de enunciados, mas de estruturas afetivas (gostos e desgostos, ódios e amores, objetos de admiração e repulsa; aquilo que Spinoza chamaria de *ingenia*), identificação e pertencimento, formas de autonarração e autoentendimento – todas as condições latentes para o que pode ou não vir a se desenvolver como subjetividade política mobilizada e plenamente consciente. (NUNES, 2022, p. 22)

Ademais, aponta para o papel crucial dos estados emocionais coletivos ou condições afetivas, que serviram como um terreno fértil para a ressonância dessas matrizes discursivas,

seja pelo grande sentimento contra a política institucional, até mesmo aqueles ressaltados pelos discursos de Jair Bolsonaro, como o pânico moral, por exemplo. Por fim, ele ressalta a infraestrutura organizacional que sustenta o Bolsonarismo, mencionando elementos como igrejas, programas de rádio e televisão, influenciadores no YouTube, grupos de WhatsApp e o uso de robôs no Twitter. Esses elementos, segundo Nunes (2022), são fundamentais para a disseminação e manutenção das ideias bolsonaristas e de seus discursos.

O autor continua a citar uma proposição do sociólogo Gabriel Feltran (FELTRAN, 2020, p. 12 *apud* NUNES, 2022, p. 21) que identifica três matrizes discursivas fundamentais no Bolsonarismo: militarismo policial, anti-intelectualismo evangélico e empreendedorismo monetarista. O militarismo policial reflete o apoio a políticas de lei e ordem, como evidenciado pela defesa de Bolsonaro de medidas mais duras contra a criminalidade. Já o anti-intelectualismo evangélico manifesta-se na rejeição da ciência e educação formal em favor de crenças religiosas, algo que Bolsonaro incorporou ao buscar apoio de líderes evangélicos e enfatizar valores conservadores. O empreendedorismo monetarista, por sua vez, caracteriza-se pela noção de *selfmade man*, uma postura que dá um verniz a parte do seu discurso que tange noções de mais liberdade e individualismo econômico em oposição a uma política de bem-estar social, fazendo da sua própria história um argumento para isso. Estas matrizes, ao convergirem, compõem o quadro complexo do Bolsonarismo, mostrando como diferentes ideologias e discursos se uniram sob essa bandeira política.

No entanto, Nunes aponta alguns problemas nessa formulação de três hipóteses:

Uma formulação como essa deixa de contemplar três elementos cruciais do bolsonarismo. Primeiro, seu caráter de aliança entre classes estabelecida em torno de alguns pontos de referência comuns, tanto identitários quanto políticos, que tendem a falar mais alto que as contradições entre os interesses divergentes que essa aliança agrega. Segundo, o fato de que esse delicado equilíbrio é possibilitado não só pela pervasividade de certas matrizes discursivas, mas pela gramática que elas têm em comum e que as torna compatíveis. Assim, embora o militarismo ou anti-intelectualismo das classes altas seja um e o das classes baixas seja outro, ambos os lados ainda são capazes de se entender e se identificar um com o outro, especialmente quando diante daquilo a que se opõem (criminalidade, uso de drogas, sexualidade desenfreada, leniência com “marginais”, doutrinação esquerdista etc.). (NUNES, 2022, p. 23)

A análise de Rodrigo Nunes ressalta uma característica intrigante do Bolsonarismo: sua capacidade de unir classes diversas através de uma linguagem e pontos de referência compartilhados, destacando a existência de uma gramática comum e criando um terreno de entendimento e identificação que perpassa os maiores desafios e distâncias estruturais, tal

como classe e cor. A estratégia comunicativa é eficaz ao conectar e mobilizar públicos distintos, enfatizando não as diferenças, mas os inimigos e ideais compartilhados. É essa habilidade de comunicação e de formar alianças heterogêneas que se destaca como um dos pilares do Bolsonarismo.

No entanto, ao nível de discurso, dois deles se mostram como principais e se destacam. Um é a luta contra a corrupção que surge como um problema essencial, algo que por todos é notado, uma grande barreira abstrata que impede o Brasil de ser aquilo que poderia ser. Esse tema funciona quase como um catalisador. Outro ponto intrigante dessa narrativa específica, que tende a simplificar a realidade política ao ignorar estruturas e promove uma nova lógica, no qual os discursos podem ter uma efetividade jogando dentro desse paradigma da simplicidade. Um exemplo que vale destacar nesse ponto é um ocorrido dentro do debate no primeiro turno da eleição de 2018. Em um deles, dois candidatos à direita foram questionados sobre a questão da segurança pública, um dos temas centrais daquela eleição, e os dois tiveram duas maneiras de responder: Alckmin, um político experiente, aposta numa resposta complexa para um problema complexo - investir em inteligência e policiamento de fronteiras; funciona, mas não é tão palatável quanto a resposta dada por Bolsonaro, que aposta na crítica aos direitos humanos como empecilho à ação dos policiais e ao desarmamento da população, que se vê refém da criminalidade. Aí, outra coisa, pois um discurso que penetra muito melhor sensivelmente, não porque seja só apelativo, mas porque guarda uma configuração mais fácil de apreensão.

Em resposta a essa estrutura nas mentes de corrupção como um problema fundamental, surge uma conclusão lógica simples, a honestidade dos políticos surge como a única solução. Outro elemento de matriz discursiva do Bolsonarismo que, de acordo com Nunes, é:

O último elemento da constelação bolsonarista é outra matriz discursiva que também cumpre uma função importante de juntar todo o resto: o conservadorismo social. (...) o conservadorismo social não se difundiu de cima para baixo, mas já se encontrava bastante disseminado por todas as classes. Incitado, por um lado, pelas conquistas obtidas pelos movimentos feminista e lgbtqi+ ao longo da década anterior, e, por outro, pela fabricação de pânico morais, ele também se aproveitou de um senso de ameaça iminente constantemente realimentado para se alastrar. A defesa dos “valores da família”, que vinha crescendo de maneira constante ao longo dos anos Lula, daria em 2011 uma importante demonstração de força com o episódio do “kit gay”. Em 2016 ela já era tão potente que muitos evocavam a defesa da família na hora de justificar o apoio ao impeachment de Dilma Rousseff – um parlamentar chegando a declarar que agia contra “propostas de que crianças troquem de sexo e aprendam sexo nas escolas com seis anos de idade”. (NUNES, 2022, p. 29)

A grande esperteza do Bolsonarismo foi conseguir encaixar essas diversas noções e tópicos ou nichos de atuação em um recipiente. E esse recipiente já encarnava várias dessas práticas feitas de forma meio improvisada nos anos 90 e seguintes, mas sem a potência das redes. Se o conteúdo não é muito refinado, o meio é, criando em Bolsonaro uma estética comum, com obviamente diversas sub estéticas correlatas. Nesse fluxo, esses discursos geram num geral um sentimento de crise existencial que aumenta o engajamento dos seguidores, criando imagens heróicas que foram tão encarnadas nesse candidato e retratando a política como uma luta apenas. Para entender a ascensão do Bolsonarismo, é essencial analisar como a extrema direita se apoia em emoções coletivas e discursos que ressoam com as massas. Estes discursos exploram sentimentos que tornam a política de extrema direita atraente, apresentando-a como uma resposta viável a situações específicas. Esta tendência não é limitada a um único país, mas é um fenômeno global, alimentado por sentimentos e processos compartilhados em escala mundial.

### **2.3. Um adendo de contextos**

Falar de Jair Bolsonaro e do que é o cerne estético do Bolsonarismo envolve tanto relembrar historicamente fatos quanto encadeá-los. No entanto, nessa discussão histórica não se pode deixar passar alguns fatores que, em maior ou menor intensidade, contribuíram para a eleição do candidato do PSL em 2018. Um dos eventos mais enfáticos da década, como não poderia deixar de ser - as manifestações de junho de 2013. Um movimento que começou como uma reivindicação contra o aumento das passagens e desembocou num protesto geral frente à política institucional, uma espécie de caldeirão de vários ideais confusos e reproduzidos em redes sociais.

Nesse período, foi visto uma mobilização popular de fôlego similar às Diretas Já dos anos 80. Foram protestos massivos compostos por um sentimento generalizado de crítica às instituições políticas clássicas. Junho criou uma um sentimento de urgência para participar da política, um assunto mandatário nas conversas. E as ruas antes mais ligadas a certos espectros políticos, notadamente à esquerda, foram se tornando mais heterogêneas. As ruas e as redes sociais se tornaram palco de demandas por serviços públicos de qualidade e por responsabilidade institucional, respondendo a problemas como violência policial e corrupção.

No sétimo capítulo da sua coletânea de ensaios, Nunes faz um retorno para contextualizar aquele que é o objeto principal do seu livro, o Bolsonarismo e os eventos que a ele levaram. Ao olhar de volta a 2013, comenta um problema frequente nas análises políticas,

frente a esse tema, que é considerar fenômenos complexos e com vários matizes num encontro só, que funciona em uma linha única e direta, no qual a causalidade é simples: um evento atrás do outro. Para estabelecer essa ideia de relação entre 2013 e 2018, Nunes propõe uma hipótese nula na qual esse movimento não teve nenhuma relação direta com a eleição de Bolsonaro. O que é imediatamente percebido como falso. Compreender junho de 2013 envolve o reconhecimento de que pela sua abrangência em tamanho, pela cisão que ele criou em relação aos protestos recentes, abre caminhos variados, mais do que cria uma linha única de causa e consequência.

Outro fator importante foi a escalada da extrema-direita mundial, que dá um tom de que o Bolsonarismo é um fenômeno que, apesar de recente, tem uma essência que vai além das fronteiras nacionais.

Na segunda metade da década, os ventos começam a soprar a favor da extrema direita. O Brexit, a vitória de Donald Trump, a eleição de figuras como Jair Bolsonaro e o crescimento de forças semelhantes em países como Alemanha, Espanha, França e Chile mostram que foi o outro lado do espectro político que melhor soube aproveitar o vácuo deixado por aquele breve período de contestação. Amplamente favorecidos pela conjuntura, eles se alimentavam dos sentimentos antissistêmicos que tinham ficado órfãos com o refluxo do “movimento das praças”, dos medos despertados pelo súbito crescimento da esquerda e do fato de que o esforço do centrismo para reestabilizar o sistema só reforçava a sensação de divórcio entre representantes e representados. (NUNES, 2022, p. 134)

Esse divórcio entre representantes e representados no Brasil, descrito pelo autor, ganha um outro aspecto diante dos escândalos de corrupção levantados pela Lava-Jato e com ampla divulgação pelos meios de comunicação. Esse movimento, por mais que posteriormente se revertisse a partir das diversas ilegalidades elencadas nos processos, gerou um grande efeito na sociedade brasileira e agiu como um reforço à descrença na instituição da política formal, com uma grande exaltação de figuras como Sérgio Moro, ex-ministro da justiça de Bolsonaro.

Voltando a junho de 2013, Nunes explica que ele surge numa onda mundial de protestos que têm as redes sociais como um meio de propagação e convocação, mais sabidamente da primavera árabe em 2011. No entanto, todos esses movimentos de certa forma ou outra foram ressignificados, mas o ponto é que foi no Brasil que a direita apoiou e viu como plataforma política para mobilizar seus próprios desejos. Nesta onda, nos anos posteriores e até o Impeachment da Presidente Dilma Rousseff - outro evento de destaque nessa época - esses meios começaram a desenvolver uma certa estética de protesto.

A influência das manifestações de junho de 2013 não se limitou àquele momento. Sua ressonância se estendeu por vários anos, gerando uma série de movimentos subsequentes.



A contestação do pleito de 2014, os protestos a favor do impeachment em 2015 e até a greve dos caminhoneiros em 2018 são exemplos dessa continuidade. Esses eventos, de formas distintas, refletiram a persistente crise de legitimidade das instituições políticas e a tensão crescente entre governantes e governados. Eles também, em algum nível, evocavam a memória de 2013, reativando emoções, relações, redes sociais, estruturas organizacionais e métodos de ação que foram moldados naquele período (NUNES, 2022).

De toda forma, o grande processo característico desses movimentos é desencadear uma cisão na sociedade brasileira, o que resultaria num termo até então não mencionado aqui: o antipetismo, uma noção que cada vez mais na década de 10 ficou confusa, mas que pode ser caracterizado como uma oposição frente ao PT que vai desde política até o existencial. Isso fica marcado na cisão que segue desde 2013, sendo uma delas a de petismo e antipetismo, uma divisão que a direita iria manejar com eficiência para definir os termos após junho. Essa capacidade de dividir o espectro político permitiu atrair aqueles que não fossem tão afeitos à direita tradicional, criando outras formas de construção política e estética: “Dito de outro modo, que as linhas de antagonismo tenham se tornado mais definidas para nós decorre justamente do fato de que, para muitas pessoas, elas ganharam os contornos que a direita lhes deu. Essas pessoas não eram necessariamente de direita, elas se tornaram; a derrota ocorreu justamente aí” (NUNES, 2022, p. 142). Esse processo acabou configurando um modelo mental muito importante dessa constituição que criaria uma espécie de paradigma no Bolsonarismo. Como Alonso (2019) comenta, a ideia de que há uma comunidade moral desse grupo que se estrutura em divisões binárias. O mundo é bem e mal, cidadãos de bem contra degenerados, nós e eles. “Essas clivagens simbólicas simplificam a realidade, reduzindo sua complexidade a estereótipos administráveis, e ativam sentimentos coletivos de alta voltagem - o afeto, o medo, o ódio. Seu manejo reforça o senso de pertencimento a uma comunidade de semelhantes e estigmatiza os diferentes” (ALONSO, 2019, p. 41).

No contexto de 2015, com a crise econômica e a Operação Lava Jato no auge, a corrupção é, como falamos antes, um tema central. E, não se pode deixar de notar, na ideia de simplificação, como essas duas circunstâncias se associaram, sendo uma consequência da outra. Naquele momento, surge uma “nova direita”, impulsionada por grupos como MBL, Vem Pra Rua e Revoltados Online. Enquanto isso, nas bordas dos protestos pró-impeachment, uma onda mais radical começava a crescer. Admiradores de Olavo de Carvalho, defensores da intervenção militar e indivíduos que se identificavam como conservadores e patriotas começaram a ascender, buscando algo mais do que as soluções moderadas, esticando mais a corda da direita para a extrema direita. Nas eleições de 2018, seria esse novo paradigma de

direita radical que iria vigorar, fruto, não de uma geração espontânea, mas de um processo de construção.

Da mesma maneira, a adoção de símbolos nacionais como o hino, a bandeira e a camisa da seleção era, para muitos, um recurso instintivo aos únicos marcadores capazes de dar conta da identidade genérica que se expressava ali – enquanto, para a direita, seria cada vez mais uma maneira de posicionar-se como legítima representante da nação contra o “corpo estranho” que se vestia de vermelho. (NUNES, 2022, p. 141)

Por mais que seja complexo, essa adoção de símbolos, discursos e práticas parece sugerir uma identidade que se molda, de certa maneira ou outra, influenciada pelo seu entorno. Junho de 2013, teve um efeito de atrair a vida normal para uma existência que também se relaciona com a política. Essas circunstâncias favoreceram, como o tempo mostrou, o surgimento de trajetórias predominantemente de direita. E figuras como Bolsonaro souberam criar e explorar certas estéticas para fortalecer esse movimento e se apropriar dele.

#### **2.4. A égide das redes**

Se novas estéticas e formas de ocupar o espaço político foram sendo gestadas a partir de 2013, é importante ressaltar que isso surge em meio a um contexto. Nunes, no seu retorno a junho daquele ano, pontua que a relevância da tecnopolítica nas manifestações foi notável, tanto na mobilização quanto na coordenação e na disseminação viral dos protestos, além das estruturas de expressão estética que a rede social permite. Frente a uma esquerda que não saía do seu conservadorismo na própria forma de fazer política, a direita se aproximava cada vez mais da ferramenta política que é o protesto, criando os seus, na onda após junho de 2013, e encarnando uma estética e um discurso, símbolos, que se fortaleciam não somente nas ruas.

Como em 2013, na onda de outros protestos tais quais as primaveras árabes e *occupys*, eles tiveram um meio catalisador. Em maio de 1968, o agora vinha no dia seguinte sob recortes de jornais; em 2013, era instantâneo, na palma do celular, no meio e por meio das mediações das redes sociais. No entanto, essa disseminação de informações não era a partir de relatos ou fotos em notícias. Mas de algo mais inerente e intensivamente individual: o perfil como uma forma de expressão, como um canal aparentemente mais direto nas retratações da política. Era nele que se desenrolava uma outra esfera de 2013. Obviamente ainda reduzida, mas com um alcance de ação muito superior ao que indivíduos, grupos e movimentos tinham anteriormente. Uma espécie de identidade virtual que parece se construir a partir de várias estéticas, inclusive políticas.

Um nome, uma foto, publicações em texto, vídeo ou foto. Uma autoprodução de conteúdo da própria vida. No entanto, quando essa esfera chega ao compartilhado - que em 2013 era esse confuso de movimentos que se redefine num grande espaço em disputa - o perfil alcança um outro patamar.

Outro é o fato de que ter as redes sociais como veículo por excelência torna esse tipo de ativismo uma presa fácil para dinâmicas – de disputa pela economia da atenção; de formação de in- e out-groups; de desumanização de interlocutores; de redução da complexidade e memeficação; de hiperindividualização e criação de celebridades – altamente prejudiciais a uma prática política coletiva. (NUNES, 2022, p. 154)

As estruturas estéticas que marcaram a emergência de novos grupos sociais, que vão além da aparência e incluem conteúdos compartilhados como memes e frases feitas, ganharam destaque. Assim que essas expressões encontraram espaços onde poderiam ser disseminadas, seja para milhares ou milhões de pessoas em massa ou para pequenos grupos de dezenas ou centenas - o que já é significativo no mundo real - elas começaram a definir essas novas identidades coletivas. Vale ressaltar que é a rede social que dá a estrutura para que essas manifestações aconteçam. Um dado empírico que dá força a essa sustentação é uma pesquisa do instituto Datafolha, lembrada por Castro (2018), na qual, antes do primeiro turno de 2018, demonstrou que o público de Bolsonaro estava mais engajado online em comparação com o de Haddad, principal rival no pleito de 2018. Uma parcela significativa dos apoiadores de Bolsonaro estava ativa em várias plataformas como Facebook, WhatsApp, Twitter e Instagram, tanto lendo quanto compartilhando conteúdo político.

Para ilustrar com números, na pesquisa mencionada pelo autor, 81% dos eleitores de Bolsonaro tinham conta em uma rede social, comparado a 59% dos eleitores de Haddad. Quando se tratava de visualizar vídeos sobre política na internet, 63% dos apoiadores de Bolsonaro eram ativos, contra 43% dos de Haddad. Nas plataformas específicas, a diferença se mantinha: no Facebook, 57% contra 40%; no WhatsApp, 61% contra 38%; no Twitter, 10% contra 8%; e no Instagram, 28% contra 17%. Além disso, os eleitores de Bolsonaro eram mais propensos a compartilhar conteúdo político nas redes sociais: 31% no Facebook, 40% no WhatsApp, 5% no Twitter e 12% no Instagram.

Em seu estudo sobre as eleições presidenciais de 2018, Castro (2018) analisa que a campanha de Bolsonaro teve início muito antes do processo eleitoral, originando-se nas Jornadas de Junho de 2013. O autor enfatiza a importância dos ativistas e voluntários desde esse período, atuando na difusão de mensagens, na troca de informações e no impulsionamento de hashtags, além da criação de conteúdos próprios. Segundo o autor, a

campanha de Bolsonaro se caracterizou por uma rede de comunicação que combinava controle centralizado com a participação ativa dos apoiadores. O autor destaca o uso intensivo de robôs para expandir o alcance das mensagens, uma prática alinhada com as estratégias de guerra híbrida no campo político. Além disso, Castro observa que a colaboração entre voluntários e empresas contratadas criou uma dinâmica comunicacional eficaz. Essa sinergia permitiu que a campanha se adaptasse às mudanças no cenário político e comunicacional brasileiro, sendo decisiva para disseminar as ideias da campanha, engajar os apoiadores e aumentar a influência de Bolsonaro nas eleições.

Essa abordagem mostra uma fusão entre o orgânico e o profissional. A antecipação e a variedade de táticas utilizadas indicam uma estratégia bem planejada e adaptativa, capaz de engajar apoiadores enquanto mantém um controle central sobre a mensagem. Por mais que as estéticas soassem toscas, elas eram assim por um motivo muito sofisticado.

Como outros expoentes da nova direita mundial, Bolsonaro criou um sistema seu e teve uma habilidade para manejá-lo como poucos outros tiveram. A nova direita brasileira se destacou pelo uso de técnicas que falavam a um lugar comum, por isso a preferência pelo WhatsApp em detrimento do Facebook, apesar deste último ter uma base maior de usuários no Brasil, como afirma Castro (2018). Essa estratégia de Bolsonaro no WhatsApp revela uma abordagem altamente direcionada e personalizada. A segmentação do eleitorado e o direcionamento de mensagens para grupos específicos indicam que não foi algo ao acaso, mas pensando para os diversos segmentos da sociedade e de suas predisposições políticas.

Esses meios serviram para propagar uma série de conteúdos, mas vale aqui fazer um *disclaimer* sobre a especificidade de parte deles. A comunicação da campanha atuava em diversas frentes, sendo uma das principais a disseminação de notícias falsas. Estas notícias, muitas vezes fundamentais para a campanha de Bolsonaro, proliferaram principalmente através do WhatsApp. O aplicativo, ao abrigar grupos menores, cria um senso de comunidade e confiança entre os usuários. Isso é particularmente eficaz, pois joga numa área em que o conteúdo é absorvido nem tanto por esse em si, mas de uma validação que se faz na proximidade. Uma informação que vem numa relação com alguma confiança é transportada com muito mais facilidade. A escolha revela uma compreensão das dinâmicas de influência nas redes sociais, alavancando o poder da confiança e familiaridade entre os participantes dos grupos para maximizar o impacto das mensagens.

Outra frente de atuação seria os memes, uma parte mais evidente e grosseira da estética do Bolsonarismo, na qual Castro tende a reduzir somente a esse aspecto. A estética não cessa nos memes, eles só são a sua parte mais aparente. Os memes tiveram um papel

crucial na estratégia de comunicação do Bolsonarismo, tornando seus discursos por mais agressivos ou controversos que sejam, suavizados pelo meio, tal como o meme de 2014, citado anteriormente. A agressividade é frequentemente mascarada por humor, como nesse caso. A adoção da estética do meme na comunicação política revela uma compreensão sofisticada da cultura da internet e do impacto emocional da imagem. Ao revestir mensagens potencialmente controversas ou agressivas com humor e ironia, o Bolsonarismo consegue atenuar reações adversas e engajar seu público de maneira mais efetiva. Bolsonaro, nesse contexto, emerge como uma figura quase caricata capitalizando sua imagem folclórica e superficial ao máximo atrás de apoio popular.

## **2.5. Bolsonarismo e as estéticas, um preâmbulo**

Ao tentar percorrer um pouco, com base na história recente e aprofundamento de autores, a trajetória política de Bolsonaro, testemunhamos a confluência de ressentimentos históricos, divisões sociais e o uso sofisticado das ferramentas de comunicação modernas que se fundiram em um fenômeno político distinto ao dar um meio para ele existir também. Esse fenômeno não é apenas um conjunto de estratégias políticas, de propostas ou de soluções, mas também um movimento estético no sentido mais amplo — um mosaico rizomático a partir das redes da percepção pública, da existência digital e no digital, das reações e dos efeitos às experiências sensoriais orquestradas por Bolsonaro e seu grupo.

A estética do Bolsonarismo, conforme emergiu do caos das mídias sociais e silenciosamente entre grupos da sociedade, não se trata apenas do visual ou do verbal; é sobre a criação de um mundo sensorial que ressoa com um segmento da população brasileira. Este mundo é construído sobre as fundações de valores compartilhados, uma interpretação coletiva da realidade e uma comunidade moral que, como vimos, começou a tomar forma na esfera pública a partir dos protestos de 2013. É uma estética que transcende a comunicação política tradicional, engajando os apoiadores de maneira mais primária e sensorial, consequentemente, de mais fácil apreensão.

A estética da simplicidade e da autenticidade foi meticulosamente cultivada por Bolsonaro, evidente nas imagens que pareciam ser capturadas sem preparação, transmitindo uma sensação de espontaneidade. Fotografias e vídeos com qualidade amadora em cenários cotidianos, como comendo em lanchonetes populares ou interagindo com pessoas nas ruas. Essas representações visuais funcionaram como um contraponto à imagem polida e distante

frequentemente associada aos políticos tradicionais, reforçando a narrativa de que Bolsonaro era um homem do povo, logo, um *outsider* da política brasileira com 30 anos de parlamento.

Neste último subcapítulo, não nos aprofundaremos nos quadros teóricos de Jacques Rancière. Contudo, faremos uma incursão mais superficial para compreender como o Bolsonarismo se alinha com a ideia de um regime estético. Rancière fala da distribuição do sensível, da partilha do espaço e do tempo, do visível e do invisível, do audível e do inaudível. O Bolsonarismo, em sua essência, desafiou e reconfigurou essas partilhas, criando um espaço sensorial que foi primordial em sua mobilização política. A jornada de Bolsonaro, desde as ameaças de atentado até a presidência, é marcada por uma estética de ruptura e confronto. A partir dos primeiros passos na política, ele cultivou uma imagem de desafiante do status quo, uma estética que se manifestou tanto em suas ações quanto em sua retórica. A controvérsia em torno de sua figura contribuiu para a construção de uma persona política que desdenha das normas convencionais e se alimenta do choque.

Além disso, a estética bolsonarista é marcada pelo uso de símbolos e slogans que ressoavam com valores tradicionais e nacionalistas. O verde e amarelo da bandeira brasileira não apenas adornava as roupas e acessórios dos apoiadores, mas também saturava as publicações nas redes sociais, criando uma associação direta entre Bolsonaro e o patriotismo. Slogans como “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” encapsulavam ideias de união nacional e fé, elementos centrais na estética emocional que Bolsonaro buscava evocar. Essa estética do confronto encontrou terreno fértil nas redes sociais, onde a capacidade de Bolsonaro de gerar conteúdo viral e engajamento se mostrou potente. A transição da imagem de um deputado folclórico para um líder político crível no ambiente virtual é um fenômeno estético em si, marcado pela habilidade de capturar a atenção e moldar a percepção pública. A estética bolsonarista nas redes sociais é caracterizada pela virulência, deboche e pela capacidade de simplificar mensagens complexas em memes e slogans. Tudo numa construção de uma narrativa que se opõe à mídia tradicional e às elites políticas.

A linguagem utilizada por Bolsonaro e seus apoiadores também refletia essa estética de proximidade e simplicidade. O discurso era direto, muitas vezes coloquial, repleto de expressões populares e jargões que reforçavam a imagem de uma liderança acessível e descomplicada. Essa abordagem comunicativa criava uma sensação de intimidade e cumplicidade, como se houvesse uma conversa franca e aberta entre Bolsonaro e cada um de seus seguidores, algo que transcendia o político

O uso estratégico das redes sociais durante a campanha presidencial de 2018 é um exemplo claro da aplicação dessa estética. A campanha de Bolsonaro, apesar de ter menos tempo de TV, conseguiu dominar o discurso online, criando uma realidade paralela onde ele era o protagonista. A estética aqui é uma de autenticidade percebida, onde a falta de polimento e a crueza da comunicação são vistas como virtudes, em contraste com a política tradicional vista como artificial e ensaiada. A estética do Bolsonarismo também se manifestou na forma como os adversários políticos eram retratados. Através de caricaturas, distorções e ataques, Bolsonaro e seus apoiadores desumanizavam e ridicularizavam seus oponentes, uma estratégia que não apenas mobilizava o sentimento de rejeição ao outro, mas também fortalecia a coesão interna do grupo. Essa tática estética de “nós contra eles” foi uma ferramenta poderosa na construção de uma identidade coletiva entre seus apoiadores.

A ascensão de Bolsonaro não pode ser compreendida sem considerar a estética da violência e da masculinidade que ele personifica. Suas declarações e posturas refletem uma estética que valoriza a força, a decisão e a capacidade de agir. Essa estética se manifesta não apenas em suas palavras, mas também em suas ações, como no episódio do atentado que sofreu durante a campanha, que contribuiu para solidificar sua imagem de sobrevivente e lutador. Sem contar que a ideia dele ter quase morrido para ser presidente ressoa a mitologias do ocidente, especialmente aquelas mais próximas dos grupos evangélicos.

A estética do Bolsonarismo é uma que desafia as categorias tradicionais de análise política. Ela não se encaixa facilmente nos moldes do como classificar a política. É uma estética que se define pela sua capacidade de mobilizar emoções, de criar uma sensação de urgência e de crise, e de apresentar Bolsonaro como a única resposta viável. Ao amarrar os conceitos discutidos anteriormente, é essencial reconhecer que a estética bolsonarista é um elemento central na sua ascensão e manutenção do poder, uma estética que é percebida não apenas visualmente, mas em um sentido mais amplo, como aquilo que é vivenciado sensorialmente e emocionalmente pelo seu eleitorado.

A estética do Bolsonarismo foi reforçada pela narrativa do “mito”, um termo que se tornou sinônimo do próprio Bolsonaro. Essa construção mítica aludia a uma figura quase heróica, imune às falhas e limitações humanas comuns, e servia para amplificar a ideia de que ele era a personificação de um salvador nacional. Através dessa mitificação, Bolsonaro não era apenas um político, mas um símbolo de resistência e esperança, um elemento que se encaixa perfeitamente na distribuição do sensível proposta por Rancière.

### 3. A ESTÉTICA E A POLÍTICA PARA JACQUES RANCIÈRE

#### 3.1. Origens do termo estética

Pelo exposto acima, vimos que o movimento encabeçado por Jair Bolsonaro em 2018 não foi apenas um processo de conotações políticas, mas que trouxe em si uma série de adereços comunicativos, símbolos, dizeres, enquadramentos, meios específico de absorver o real e de expressão uma própria visão do real; que se traduziram em memes, camisas da seleção brasileira, bandeiras do Brasil e arminhas feitas com os dedos. Fica claro que, de certa forma, os líderes da nova direita no Brasil conseguiram criar uma organização estética do seu movimento.

A interpretação do que significa estética abrange duas facetas amplamente difundidas. De início, há um lado filosófico que aborda a essência de uma perspectiva subjetiva, categorizado pela preferência ou gosto. Do outro, a ideia que associa o termo a uma cadeia de ocorrências que guardam um nexos comum (PEREZ, AQUINO, 2018). Tais ocorrências variam desde modalidades de expressão linguística até ações humanas.

A palavra “estética” remonta ao grego *aisthesis*, vocábulo que tenta significar aquilo que é sensível, percebido pelos sentidos; se refere à sensação, percepção ou experiência sensorial. No entanto, ao longo dos séculos, o termo foi esticado, recriado e expandido. Perez Aquino, em suas pesquisas, mostram que o cunho “estética” como conhecemos hoje deriva de um neologismo de Alexander Baumgarten em 1735, à época professor da Universidade de Frankfurt. Segundo eles, a sua intenção ao criá-lo era estabelecer um termo para o fenômeno que explicasse as sensações produzidas por obras e, ao fim, o seu impacto por meio da percepção. Os autores enfatizam que, na gênese da formação do novo termo, buscava as reflexões de Platão, Sócrates e Aristóteles, posteriormente perpetuadas, dentre outros, por Plotino e Santo Agostinho - o foco era elucidar os significados de belo, bom e agradável, sobretudo na arte. Esse tema foi proeminente entre outros filósofos da época, especialmente naquele que difundiu o termo, o popularizou e se apropriou dele: Immanuel Kant. A partir disso, o conceito acabou enveredando-se para a disciplina filosófica, especialmente voltada ao campo da filosofia da arte que se desenvolve a partir do universo artístico e de seus processos de sensibilidade com o outro. No entanto, como este trabalho irá se desenvolver a partir deste conceito, especialmente sob a visão dele em um autor posterior, vale a pena entendermos melhor como foi usado pelos seus primeiros expoentes.

Quando Baumgarten e Kant empregaram seus conceitos de arte no século XVII, imperava a razão proveniente de um tempo marcado pelo cartesianismo. Nessa esteira, o



universo do que era sensível era menos importante. No entanto, a partir da ideia de corpo, esse ente abstrato que congrega o meio pelo qual se percebe as coisas, a filosofia teve que recuperar o tempo perdido. Caldas (2018), sobre este período, explica que o reconhecimento deste campo das sensações tem como finalidade justamente trazê-lo ao mundo objetivo da razão, transformado-se em um objeto digno da investigação filosófica.

Esta busca pela racionalização do mundo da percepção, da materialidade sensível, é exatamente o que encontramos na *Aesthetica* de Baumgarten. Nela, o autor defende que a cognição estética é uma espécie de mediadora entre as generalidades da razão e os particulares dos sentidos. A estética participa da razão, mas de um modo confuso: seu modo próprio de ser depende desta interpenetração/fusão orgânica de seus elementos, que escapam a qualquer tentativa de apreensão através das unidades discretas do pensamento conceitual, através de leis universais e abstratas. Nesse sentido, quanto mais “confusa” for, o que quer dizer produzir uma unidade a partir desta variedade, mais perfeita se torna. As representações estéticas estão abertas à análise, mas demandam uma cognição específica, que é a própria estética. (CALDAS, 2018, p. 51)

Kant, por sua vez, utilizaria estética como uma trama que originalmente conduz junto ao entendimento, a própria experiência, quanto à capacidade de distinguir belo e sublime. Um deles é a estética transcendental, presente em *Crítica da Razão Pura*. Nela, Kant aborda as estruturas transcendentais, ou as condições de possibilidade que vão moldar nossa percepção e conhecimento da realidade. Sua proposição é que a experiência do mundo tem sempre algum mediador, primeiramente as formas de sensibilidade, que seriam o espaço e o tempo. Estes seriam os primeiros balizadores das formas perceptivas por meio do qual a realidade é apresentada, são a espinha dorsal da experiência. Assim, a realidade é invariavelmente filtrada, concebendo uma experiência que é, por natureza, subjetiva e universal para todos.

Em *Crítica da Faculdade do Juízo*, Kant vai ao encontro da estética como mencionado anteriormente, explorando a faceta da experiência humana que concerne à apreciação do belo e do sublime. O juízo estético, para o alemão, é aquele que se configura de maneira desinteressada e universal, mas sem estar confinado a conceitos pré-determinados. Uma obra de arte ou uma cena na natureza é percebida como bela não em virtude do desejo de posse ou uso, mas pela harmonia inerente à forma como os elementos se articulam e se apresentam à nossa percepção.

É a partir de Kant que o conceito de estética se difundiu pelo Ocidente, com debates acerca da experiência, do conhecimento e do próprio termo, a lente através da qual se examina a estrutura e a função dos julgamentos humanos e percepções sobre a realidade e o universo estético. Suas reflexões adentram o terreno fecundo do conceito, onde a experiência da arte e

do belo é dissecada, revelando as camadas subjacentes da subjetividade humana e da universalidade implícita nos julgamentos estéticos.

Como observamos até aqui, a estética, ainda que recente, encontra seus primeiros expoentes, que ressignificam e expandem seus sentidos. A transição da estética como um ramo associado predominantemente ao belo e à arte para uma esfera que também entrelaça o sensível e o cognitivo, encontra em Baumgarten e Kant seus primeiros marcos. A estética transcendental de Kant, em particular, com seu foco nas estruturas a priori da mente que mediam nossa percepção da realidade, sinaliza para uma nova fronteira onde o sensível e o racional coexistem e interagem. Ambos ajudaram a estruturar uma tradição de análise filosófica sobre o sensível, e com isso abriu ramos de discussão para o estudo da estética em suas diversas relações, inclusive com a política. Esta expansão conceitual da estética, que entrelaça o sensível e o inteligível, prenuncia as reflexões de Schiller, no qual mais tarde Jacques Rancière iria se apoiar para entrelaçar estética e política à procura de desvendar como a organização do sensível orchestra hierarquias sociais e molda o espaço político. Nos itens subsequentes, exploraremos como Rancière expande e complexifica as noções de estética adentrando o terreno da política e proporcionando uma lente analítica pela qual possamos examinar fenômenos contemporâneos, tais como o Bolsonarismo, sob uma nova luz.

### **3.2. A partilha do sensível, regimes de identificação da arte e outras estruturas na obra de Jacques Rancière**

A relação entre estética e política permeia tanto movimentos atuais quanto perspectivas filosóficas passadas. Sob a luz de teóricos já citados, como Baumgarten e Kant, percebe-se que o conceito de estética, amalgamando o sensorial e o cognitivo, vem sendo repensado e remodelado ao longo da história, com o intuito de navegar pelas complexidades da realidade, tanto percebida quanto construída. Jacques Rancière, com destaque nesse campo de estudo, potencializa essa interligação com suas reflexões acerca da relação simbiótica entre um e outro, sensorial e cognitivo.

Rancière, extrapolando os domínios da filosofia da arte e mergulhando nas esferas políticas, concebe a estética não somente como uma meditação acerca da arte e do belo, mas também o que orchestra o que pode ser percebido e compreendido dentro de uma coletividade, assim como um regime de identificação da arte. Sua visão abrange mais do que a arte enquanto entidade isolada, mas adentra os campos do percebido, reconhecendo a arte também como um fenômeno que organiza o sensível, estruturando percepções e delineando os

meios pelos quais realidades e expressões são articuladas e compreendidas. Tal reposicionamento do estético se conecta intrinsecamente com dinâmicas políticas, ao observar como as modalidades do sensível, da visibilidade e da audibilidade estão internamente atreladas às formas e práticas políticas.

A trajetória intelectual de Rancière perpassa desde os alicerces da estética até uma teia na qual o político e o estético estão entrelaçados, propondo uma perspectiva na qual a “partilha do sensível” se revela como a base da experiência estética e como um elemento vital na estruturação das realidades e estruturas políticas. Este conceito não apenas delimita quem possui a capacidade de participar do compartilhado, mas também estabelece as modalidades sob as quais essa participação pode se desenrolar. Nesta seção exploraremos como o autor articula uma estrutura a partir da qual é possível pensar como o estético e o político se afetam mutuamente. Propiciando, assim, um quadro crítico para entender e avaliar movimentos contemporâneos e suas estéticas, como o Bolsonarismo, sob uma luz elucidativa.

No livro *A Partilha do Sensível* (2005), o filósofo Jacques Rancière trabalha uma discussão de estética e política, focando num embaralhamento entre os dois conceitos que muitas vezes perpassam. O francês identifica, nas comunidades, visões diferenciadas da percepção daquilo que é real, ideia que se liga diretamente a noção original de estética - ou *aistheton* no grego, palavra que busca significar aquilo que é absorvido e entendido pelos sentidos. A partir disso, o filósofo argumenta que se cria na comunidade um sensível que é compartilhado, mas também dividido - uma partilha.

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (RANCIÈRE, 2005, p. 15)

Estabelecida essa relação de percepção do real com as formas de disputa sensível através da política, Rancière passa a trabalhar um ramo mais específico da estética. Vale ressaltar aqui que a partilha não é apenas uma divisão. No francês, *partage*, significa também compartilhamento de diversos temas, incluindo e se relacionando principalmente à política. “O argumento fundamental de Rancière é de que há na base da política uma estética primeira, isto é, um sistema de formas a priori que determina o modo de dividir e compartilhar uma experiência sensível comum” (CALDAS, 2018, p. 41).

No segundo capítulo desta obra, o filósofo reflete sobre um objeto que tem como

função explícita mexer com a sensibilidade - a arte - ou o que entendemos como arte. No texto, o autor estabelece sua importância no fato de que “(...) as artes podem ser percebidas e pensadas como artes e como formas de inscrição do sentido da comunidade” (RANCIÈRE, 2005, p. 18). Assim, independentemente de intenção, inserção social ou forma de refletir uma estrutura ou um movimento social, elas também compõem um gesto político.

Jacques Rancière, no capítulo “Dos regimes da arte e do pouco interesse da noção de modernidade”, embrenha-se numa análise mais profunda acerca da arte, identificando três regimes principais de sua identificação na tradição ocidental: o ético, representativo e estético. Ele faz uma exploração extensiva do conceito de arte a partir dessas perspectivas, recorrendo, para elucidar, aos escritos filosóficos de Platão e Aristóteles.

O regime ético, com Platão como figura chave, não reconhece a arte como entidade autônoma, mas sim como técnica, onde as imagens são cópias de formas divinas e verdadeiras, sem autonomia que a distinga de outras atividades, como cozinhar ou forjar. Esta perspectiva encara a arte como utilitária, transmitindo e preservando mitos e verdades de uma comunidade através de imagens, sem ser reconhecida como arte no sentido que entendemos hoje. Rancière nos lembra, aqui, que a arte se relaciona mais com o *ethos*, um princípio de identidade comunitária, do que com noções éticas contemporâneas.

No entanto, o regime representativo associado a Aristóteles muda a direção, considerando a arte como representação do real através da mimesis, algo que é feito com criatividade e engenhosidade, conferindo a ela um estatuto próprio, dissociado de outros fazeres. Rancière aponta que este regime não somente valoriza a técnica artística e sua capacidade de representação criativa, mas também introduz uma avaliação baseada em critérios como beleza e capacidade de induzir catarse. O filósofo francês também revela uma hierarquização nesta esfera, tanto em termos de qualidade artística quanto em relação aos públicos a que se destinam.

O último regime, o estético, situado a partir dos séculos XVIII e XIX, encontra a arte desanexando-se ainda mais das classificações anteriores, emergindo em meio a revoluções e criação de museus. Este regime dissolve fronteiras entre formas artísticas e o espectador, elevando a arte a uma esfera de existência autônoma, estimulando sensibilidades peculiares nas obras e fruindo uma interação sem precedentes com o espectador. Rancière expõe a arte nesse regime como algo que busca evocar uma experiência sensorial particular, e nisso, observa-se uma tendência na literatura e nas artes de minimizar narrativas em favor da descrição e da exploração da forma, indicando uma ruptura marcante nas convenções e propondo uma relação diferenciada com o público que provoca um espécie de suspensão.

Caldas (2018), em sua dissertação, explica que o exame da dimensão política da arte é primordialmente conduzido por este regime, caracterizado como inerentemente democrático, visto que ele quebra certas estruturas consagradas anteriormente ao gerar dissensos e alterações da partilha.

A política é, ao mesmo tempo, a tomada de parte dos “sem-parte” e o dano original e um erro na contagem das partes que consiste em: aqueles que não tem parte, não são contados mas integram, ainda assim, o todo da comunidade. Esse reconhecimento do *demos* de pertencer sem ter parte se dá através da igualdade reconhecida com o resto dos integrantes. A igualdade é, portanto, a condição de possibilidade da política. No entanto, é um fundamental impróprio. É o dissenso entre esses dois mundos instaurados pela divisão radical do sensível que pode promover esses deslocamentos na ordem. A política é definida aqui, através de sua base estética. (CALDAS, 2018, p. 14)

O regime estético abre portas para uma arte que se aprecia por sua pura existência e autonomia, rompendo com a narrativa tradicional e elevando a descrição e a expressão sensível. O espaço entre autor e obra, obra e espectador se expande e se transforma, dando lugar a experiências que, posteriormente, as vanguardas modernistas explorariam e desafiariam ainda mais. Nesse regime estético, no qual questiona as hierarquias tradicionais entre as diferentes formas de arte e busca promover a igualdade de experiência estética para todos os espectadores, é que o autor traz o conceito de “cena”, não apenas como formas de inscrever na comunidade uma tentativa de reconfiguração da partilha, mas também:

(...) A cena é o que permite introduzir-nos dentro da operação de tecer, no lugar mesmo onde se trata de juntar o sensível e o pensável. E o gesto privilegiado desta operação é efetivamente a descrição; entretanto não qualquer tipo de descrição, mas uma descrição visionária, ou seja, uma descrição que não pode ser exata senão com a condição de ver no seu objeto algo além do que há ali de fato. (ASPE, 2013, p. 66)

Rancière vê a “cena” como uma ferramenta essencial para a política, agindo como uma ponte entre diretrizes e observações. Esta não é apenas um evento, mas também uma matriz de conexões entre ideias, linguagem, entidades físicas e ações. A cena política é episódica e abrupta. Em sua essência, apresenta essa dualidade: enquanto uma parte ilustra os aspectos em disputa da política, a outra é uma representação estética que sinaliza novos entendimentos de igualdade. No aspecto político, as cenas servem como reflexões críticas, ajudando a determinar a existência de uma compreensão compartilhada e ajustando nossas percepções (MATOS, 2019).

A reflexão de Rancière sugere um mergulho mais profundo nesses regimes, despertando questionamentos acerca do papel da arte, sua interação com a política e

sociedade, e suas metamorfoses ao longo da trajetória humana no ocidente. Através desse prisma, a arte não é apenas uma manifestação estética, mas um veículo carregado de significados, reflexões e confrontos, que entrelaça o sensível e o político em uma dança contínua de transformação e resistência. Por tentar tanger a estética do Bolsonarismo, este trabalho não irá trabalhar com expressões denominadas propriamente como arte, mas sim de um cosmos de produção ao escolher um objeto de estudo se valendo da noção ranceriana de arte se não como um conceito, mas ao menos como paradigma.

Caldas ressalta um traço do autor e sua teoria que nos permite fazer essa extrapolação: “é a recusa em se enquadrar em determinados campos do saber ou vertentes filosóficas, o que fizeram o autor transitar entre escritos por vezes mais filosóficos, por vezes mais histórico” (CALDAS, 2018, p. 14). O próprio Rancière, como é citado no trabalho da autora, afirma que sempre tentou ignorar as fronteiras entre as disciplinas, podendo ser encaixado em diversas delas, como estética, história social, política, entre outras.

Ressalva feita, vale outra. Diante dessa fluidez que o autor nos parece garantir, cabe ressaltar novamente que as práticas estéticas para ele são “maneiras de fazer que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas suas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade” (RANCIÈRE, 2005, p. 10). Portanto, apesar de Rancière se aprofundar na relação entre arte e política, vemos que arte aqui é um hipônimo semântico do que é o maior sentido de estética e como ela se relaciona à partilha e às formas de intervir nela a partir do último de seus regimes. Além disso, ao identificar o regime estético, Caldas inicialmente faz um adendo ao processo de democratização advindo das inovações mecânicas e técnicas que resultam nas várias artes que surgem no período em que o último regime é fundado. Para Rancière, é mais o tema e a ciência de criação que desenha o processo do que qualquer influência dos meios. Esse é outro paradigma que nos permite aproximar a obra do filósofo francês e seus conceitos com o Bolsonarismo em 2018 e, conseqüentemente, ao meio principal e novo por qual essa estética política se difundiu: as redes sociais.

### **3.3. Estética e política em Rancière: um horizonte além da arte.**

Cada vez que a análise da partilha do sensível de Jacques Rancière é aprofundada, é reafirmado o entrelaçamento vital entre estética e política, ambos ligados na esfera das percepções e das formas como as comunidades atribuem sentido à realidade. Embora as várias maneiras de existir, perceber e atribuir sentido à realidade não ocorram de maneira neutra ou arbitrária, o autor infere uma tensão persistente entre elas, propiciando um conflito entre os

indivíduos com o objetivo de promover uma visão particular para se tornar o consenso, ou a compreensão geral, dentre todos os membros de uma comunidade específica.

Estética para Rancière é, portanto, deslocado do uso tradicional. Não mais referente a uma disciplina da filosofia que remeteria às teorias do belo na arte e do julgamento de gosto, a estética toma um duplo sentido: além de um regime específico de identificação da arte é também a trama sensível na qual se elabora o mundo comum e seus intervalos entre funções e identidades, distribuições e reconfigurações, modos de habitar, ver, pensar e agir, quer dizer, a batalha pelos dados sensíveis. A estética, nesse amplo sentido, é a configuração do mundo sensível comum que coloca em comunicação regimes separados de expressão. (MATOS, 2019, p. 59)

Rancière articula que essa luta, a respeito das realidades compartilhadas dentro de uma comunidade historicamente se desdobra no campo estético, no perceber e no induzir à percepção (RANCIÈRE, 2005). No entanto, mesmo originando-se neste domínio, essas perspectivas de mundo representam um ato de transformação que é inerentemente político quando entram em conflito. Portanto, observa-se outra esfera de conexão entre os conceitos, agindo como elementos que reciprocamente influenciam suas respectivas constituições. Aqui, identificamos a “partilha do sensível” como essência da política, e, consequentemente, uma específica estética da política” (RANCIÈRE, 2005).

Com o conceito de partilha em foco, é possível delinear um aprofundamento em dois conceitos previamente discutidos na obra do filósofo francês, os quais se voltam particularmente para as contendas sobre visões específicas em busca do reconhecimento comum e generalizado. A “partilha do sensível” numa comunidade, conforme previamente mencionado, se manifesta na tensão entre distintas perspectivas, e tais disputas se desenrolam na interação entre duas categorias: a ordem consensual, que visa estabelecer denominações, posições e funções sociais definidas para cada entidade e indivíduo; e a ordem dissensual, que desafia estas configurações estabelecidas, almejando gerar novas maneiras de compartilhar o comum e inserir seus modos de expressão e visão na comunidade, além de criar novas modalidades de existência e expressão (MILANEZI, 2019). Rancière, em sua obra *O Desentendimento*, denomina essa primeira ordem – que é um elemento de coação, controle e afirmação do status quo – de “polícia”.

Contudo, essa “polícia” não faz alusão à instituição estatal de violência e vigilância, aos cassetetes, sirenes e algemas, mas sim refere-se à definição da ordem entre corpos distintos que estabelece divisões entre maneiras de fazer, ser e falar. Para o pensador francês, essa ideia está mais intimamente vinculada a uma ordem estética das coisas, à maneira como a percepção é organizada, pois se concentra no que é visível e enunciável, possibilitando que

uma ação ou uma pessoa seja notada, que um discurso seja reconhecido enquanto outro não. Especificamente, o filósofo estabelece essa noção como

(...) antes de mais nada, uma ordem dos corpos que define as divisões entre os modos do fazer, os modos de ser e os modos do dizer, que faz que tais corpos sejam designados por seu nome para tal lugar e tal tarefa; é uma ordem do visível e do dizível que faz com que essa atividade seja visível e outra não o seja, que essa palavra seja entendida como discurso e outra como ruído. É, por exemplo, uma lei de polícia que faz tradicionalmente do lugar de trabalho um espaço privado não regido pelos modos do ver e dizer próprios do que se chama o espaço público, onde o ter parcela do trabalhador é estritamente definido pela remuneração de seu trabalho. A polícia não é tanto uma “disciplinarização” dos corpos quanto uma regra de seu aparecer, uma configuração das ocupações e das propriedades dos espaços em que essas ocupações são distribuídas. (RANCIÈRE, 1996, p. 42)

Por outro lado, temos o conceito de política, que se alinha com uma percepção mais fundamental do termo. Frequentemente, ao contemplarmos a política, nos vem à mente a estrutura convencional por meio da qual ela é realizada: o coletivo de representantes do sistema democrático e suas atividades em seu ambiente político. A política, no sentido convencional e especialmente no Brasil, está mais associada a uma concepção mais remota, a uma grande ideia quase abstrata, distante como Brasília. Contudo, ao retirarmos essa ideia do senso comum e refletirmos sobre a política e seu propósito, podemos concluir que a política existe porque a existência social e a realidade apresentam problemas variados. A política, assim, seria o meio para solucioná-los, manifestando-se não apenas como um modo de organizar a sociedade.

Há política, primeiramente, porque o conflito se estabelece sobre o próprio espaço comum onde se encontram uns e outros, inscrevendo no regime de visibilidade o dano que ao mesmo tempo demonstra e compõe o estar-em-comum da existência e qualidade das presenças, visto que as partes não são preexistentes à cena. Nesse sentido vale repetir: a democracia é o regime da política que é a inscrição heterogênea e dissimétrica irreduzível. (MATOS, 2019, p. 13)

Para Rancière, o conceito de política, mais do que um mecanismo estrutural, atua como um processo de mudança, indubitavelmente estético e especificamente relacionado à partilha. O filósofo até mesmo aponta que essa concepção de política como organização está muito mais conectada ao conceito de polícia, pois, de maneira sutil, sustenta essa distribuição sensível. A política em Rancière representa o veículo através do qual novas possibilidades de existência são apresentadas, que são geralmente edificadas sobre uma cena estabelecida no senso comum e sustentadas pela ação da polícia.

Em uma dimensão estética, a estética tem a capacidade de introduzir novas maneiras



para os indivíduos agirem, se expressarem e modificarem o que podem ser ou o que já é estabelecido. Essa renovação acontece como um meio de ocupar suas posições, construindo, assim, uma nova experiência de partilha.

Para Rancière, a estética sempre esteve no cerne da questão política, de maneira que este imbricamento se afaste da crítica benjaminiana da estetização da política. Tal fenômeno teria seu auge no uso fascista das artes (destituídas de seu poder de culto) e das mídias (da era das massas) no sentido de uma “captura perversa da política por uma vontade de arte, pelo pensamento do povo como obra de arte” (RANCIÈRE, 2000, p.13, tradução nossa). No entanto, ressalta Christian Ruby (2009, p. 72): “Opondo-se à tese benjaminiana, Rancière endereça contra ela uma objeção principal: ‘a política não é estética porque usa de tal arte ou porque usa de tal mídia artística para se fazer aceitar. Ela o é porque supõe um recorte do sensível que indica se e como os corpos fazem comunidade, quais posições respectivas eles ocupam, o que devem fazer nesse lugar...’ (tradução nossa). (MATOS, 2019, p. 59)

Nesse novo panorama, os sujeitos se apresentam capazes de construir um espaço comum de objetos comuns, frutos de uma decisão compartilhada, onde são capazes de se nomear e dialogar sobre si mesmos (MILANEZI, 2019). Uma reconfiguração da questão política que se relaciona diretamente com a distribuição do sensível. Já esse sensível, que Caldas (2018) distingue na obra do pensador como uma revolução estética, pressupõe um arranjo de signos de linguagem, uma nova forma deles se relacionarem com a materialidade factual, “é a identificação dos modos da construção ficcional aos modos de uma leitura dos signos escritos na configuração de um lugar, um grupo, um muro, uma roupa, um rosto. É a assimilação das acelerações ou desacelerações da linguagem” (CALDAS, 2018, p. 48). Esse processo, segundo a autora, não tira essa linguagem da realidade, mas inaugura um novo modo de racionalizar os fatos, a historicidade, criando uma nova ficcionalidade que dá sentido ao universo empírico. A ordenação não é mais a causalidade aristotélica, mas a própria organização desse léxico estético que é uma espécie de ficcionalidade. “O real precisa ser ficcionado para ser pensado” (RANCIÈRE, 2005, p. 54).

Esta reconfiguração destaca a complexidade inerente ao diagnóstico dos fenômenos em análise, oferecendo uma nova lente através da qual podemos entender os mesmos. Em um aspecto, a política se confronta com as práticas de polícia, às forças estatais de violência e suas manifestações que estabelecem ordens, hierarquias e consensos, muitas vezes despolitizando o cenário. Em contrapartida, ela também se alinha com as dinâmicas que buscam uma lógica de igualdade. Além disso, há uma conexão intrínseca com a estética, especialmente no contexto da arte. Embora o aprofundamento dessa dimensão venha mais à frente, é essencial reconhecer que as artes, em sua essência, não são meros instrumentos de

poder ou liberação. Elas refletem e interagem com posições corporais, linguagens e a divisão entre o que é visível e o que permanece oculto (MATOS, 2019).

Portanto, a política é um elemento crucial no que ele define como tensão inerente às várias comunidades na partilha do sensível. É o método através do qual se sugere uma contestação da disposição preexistente e que é sustentada pela polícia. Evidentemente, ao fazer isso, ela se opõe à ausência de um grupo que é amplamente ignorado na partilha e propõe a igualdade de qualquer falante ou discurso ser reconhecido como tal. De maneira mais detalhada, Rancière a define como:

Proponho agora reservar o nome de política a uma atividade bem determinada e antagônica à primeira: a que rompe a configuração sensível na qual se definem as parcelas e as partes ou sua ausência a partir de um pressuposto que por definição não tem cabimento ali: a de uma parcela dos sem-parcela. Essa ruptura se manifesta por uma série de atos que reconfiguram o espaço onde as partes, as parcelas e as ausências de parcelas se definiam. A atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que só era ouvido como barulho. (...) Espetacular ou não, a atividade política é sempre um modo de manifestação que desfaz as divisões sensíveis da ordem policial ao atualizar uma pressuposição que lhe é heterogênea por princípio, a de uma parcela dos sem-parcela que manifesta ela mesma, em última instância, a pura contingência da ordem, a igualdade de qualquer ser falante com qualquer outro ser falante. Existe política quando existe um lugar e formas para o encontro entre dois processos heterogêneos. O primeiro é o processo policial no sentido que o tentamos definir. O segundo é o processo da igualdade. Entendamos provisoriamente sob esse termo o conjunto aberto das práticas guiadas pela suposição da igualdade de qualquer ser falante com qualquer outro ser falante e pela preocupação de averiguar essa igualdade. (RANCIÈRE, 1996, p. 42)

Em outras palavras, a política é sobretudo uma interrupção ou um desacordo que desafia a ordem estabelecida de um consenso que tem suas funções, tarefas, lugares - partes da partilha. É ao mesmo tempo a distribuição e redistribuição desses aspectos, de tempos e espaços. Ela acontece quando “(...) ocupam os espaços públicos, desfrutam do tempo, tornam-se visíveis e pronunciam seus discursos para serem ouvidos. Esse é o dissenso, essa luta de dois mundos que na verdade são um só, que constitui a política. Isso constitui também uma estética da política” (CALDAS, 2018, p. 61). Já o inverso, a política da estética é o modo pelo qual as artes, no seu sentido mais amplo possível, intervêm na partilha. Arte e política, para Rancière, são duas formas de intervenção na partilha suspensas e ligadas entre si também neste viés.

Embora Rancière articule vastamente sobre as artes no contexto desse paradigma, sua visão permite uma aplicação mais abrangente que transcende a arte em si. A consideração do sensível pode ser contextualizada nas inúmeras esferas da existência humana, influenciando percepções coletivas de realidade que subsequentemente moldam estruturas políticas e sociais. Caldas (2018) elucida que no regime estético que vivenciamos segundo o autor no qual as artes são mais um *sensorium* do que uma formalidade, a arte é um meio que dá visibilidade às manifestações que reorganizam e compartilham a partilha.

Há aqui um ponto muito interessante sobre a estética de Rancière. Essa desespecificação dos instrumentos é um embaralhamento das fronteiras entre os diferentes suportes ou dispositivos operado pelo próprio regime estético da arte. Quando a obra de arte deixa de ser a realização de uma ideia através da imposição da forma numa certa matéria e passa a ser reconhecida pelo modo de ser sensível, deixamos de falar em “dança”, “pintura”, “filme” etc. Paramos de reconhecer a obra pela sua forma no suporte e começamos a identificá-las por pertencerem a esse *sensorium*. Por isso, no regime estético podemos começar a falar em “a arte” ao invés de “as artes”. A arte é entendida aqui não como um conceito, mas exatamente como o dispositivo que dá visibilidade a essas manifestações e objetos, tais como vídeos, instalações, performances etc. (CALDAS, 2018, p. 61)

No entanto, é importante ressaltar uma observação pertinente sobre a teoria de Rancière. Embora sua abordagem sobre estética e política seja amplamente discutida, não encontramos discursos explícitos do próprio Rancière que detalham e definem definitivamente sua teoria (CALDAS, 2018). Isso nos leva a refletir sobre uma possível certa inconsistência, que é também uma flexibilidade de passar por diversas disciplinas, especialmente no que diz respeito à definição de estética. Conforme destacado por Caldas (2018), Rancière frequentemente desafia as noções convencionais de estética, posicionando-se contra a ideia de que a estética seja meramente uma disciplina filosófica ou uma teoria da sensibilidade. Em vez disso, ele enfatiza a estética como um modo de pensamento que se concentra nas coisas da arte e busca entender sua natureza enquanto coisas do pensamento.

Mas essa abertura dos conceitos do autor nos permite usar com mais segurança esse arcabouço teórico para esta pesquisa. Indo mais fundo, a arte em Rancière é mais um meio de expressão. Relacionada à política, sua grande arquitetura não é apenas a capacidade de expressar sentimentos e discursos, reproduzir a estrutura da sociedade e seus dissensos, mas por um certo distanciamento que permite recortá-la, de tirar aquele acontecimento de suas bases, organizando um novo tempo e espaço. “Sobrevive uma mesma lógica que consiste em suspender as coordenadas normais de experiência sensorial. Em todas suas transformações na função política, o que está sempre em jogo é essa potência da arte de operar novos recortes do

espaço material e simbólico” (CALDAS, 2018, p. 18).

As noções descritas por Rancière versam sobre os corpos e os espaços físicos, mas também as narrativas, os discursos e as expressões visíveis e audíveis que são permitidas existência e legitimidade dentro de um espaço comunitário ou social. Estes aspectos permeiam nosso tema central, onde, a despeito da arte, exploramos como essas noções são mobilizadas no espaço social e político mais amplo.

Nessa ótica, entendemos que a mobilização política, em sua essência no pensamento de Rancière, não se detém apenas à reorganização de instituições e estruturas governamentais; ela permeia o tecido da partilha do sensível, questionando e reconfigurando o que pode ser percebido, expresso e, finalmente, conhecido. Em um mundo saturado de imagens, sons, textos e mídias, onde a informação e a representação são tão poderosamente veiculadas, a capacidade de moldar, distorcer e reconstituir a “realidade percebida” se torna uma arma potente no arsenal político.

Em uma análise mais contemporânea e aplicada, podemos inferir que as mídias sociais e as plataformas de comunicação em rede tornam-se terreno fértil para essas partilhas e repartilhas do sensível. A construção de narrativas, a visualidade das causas sociais e políticas e a instrumentalização da estética no ciberespaço tornam-se cruciais para a afirmação e legitimidade de diferentes grupos e ideologias. A política digital contemporânea, nesse sentido, muitas vezes manobra as estéticas de identidade, resistência e pertencimento, criando simultaneamente espaço e voz para os marginalizados e perpetuando novas ou antigas hegemonias. A proliferação de imagens, slogans e manifestos políticos no espaço virtual tem, na sua essência, uma clara dimensão estética, que visa não apenas comunicar ideias mas também moldar percepções, apelar para emoções e solidificar coletividades.

Da mesma forma, as estéticas do protesto, tão vivas e influentes em cenários globais, mobilizam a partilha do sensível para criar, através do visível e do audível, um espaço político de contestação e afirmação. A estética, então, vai além da arte; torna-se um elemento crucial na formação, transmissão, e contestação de significados sociais e políticos. No entanto, é vital observar que enquanto as práticas estéticas são utilizadas para desafiar o *status quo* e propor novas ordens sociais e políticas, elas também podem ser apropriadas e manipuladas por poderes estabelecidos para consolidar suas próprias narrativas e hegemonias. Assim, a luta pela determinação de qual sensível é partilhado, quem é incluído ou excluído e que histórias são contadas ou silenciadas, é inerentemente uma luta política.

Esta perspectiva, ancorada nos princípios teóricos de Rancière, proporciona um rico cenário para explorar questões de estética e política em múltiplos contextos e escalas, desde

movimentos sociais até políticas governamentais ou menores conteúdos, proporcionando uma via de exploração para avaliar o Bolsonarismo originado em 2018 como uma vertente também estética, que, por definições teóricas do próprio francês, desencadeiam em uma reconfiguração da partilha do sensível no espectro da política brasileira.

## 4. DENTRO DE UM RECORTE DO BOLSONARISMO

### 4.1. Uma amarração frente ao estudo de caso

O Bolsonarismo, conforme delineado nos capítulos anteriores, transcende a esfera de uma mera plataforma política, configurando-se como um movimento que se deslocou das margens para o epicentro da política brasileira. A trajetória de Jair Bolsonaro começou com uma origem controversa no Exército. Ele então se tornou uma figura política conhecida por suas declarações provocativas e por chamar a atenção da mídia. Sua carreira política é marcada por escândalos intencionais e uma retórica provocadora. Esses fatores foram cruciais para a construção de sua imagem pública e nas suas formas de se expressar, o que, de algum modo, o levou à vitória nas eleições presidenciais de 2018. Operando por meio de uma interação de vários valores conservadores tradicionais e discurso militarista aliado a um uso estratégico das mídias sociais, o Bolsonarismo disseminou narrativas que ressoam com diversos segmentos da sociedade brasileira - incluindo nichos militares, evangélicos, conservadores e também alguns recortes mais específicos, como uma juventude masculina que reage a avanços progressistas do politicamente correto e uma classe média antipetista. A habilidade em transformar o discurso político em memes, aliada à criação de um sistema de mídia alternativo e o uso de estratégias baseadas no pânico moral e simplificação excessiva, foram fundamentais na formação da opinião pública e na mobilização de apoio para Bolsonaro. Milanezi (2019) destaca o papel crucial da mídia na influência das ações sociais, um fator intimamente ligado à ascensão e consolidação do Bolsonarismo.

A ascensão do Bolsonarismo guarda vários paralelos com as teorias de Jacques Rancière sobre a estética, “distribuição do sensível” e “parte dos sem parte”, e também reflete suas ideias sobre política. A filosofia política de Rancière enfatiza a interrupção da ordem estabelecida de percepção e participação e o Bolsonarismo se alinha a essa visão ao desafiar o *status quo* e ao redefinir os símbolos da identidade nacional. Uma tática política que inclui a rearticulação do espaço político na sua sensibilidade e a redefinição de quem é considerado parte do discurso político, é uma das aplicações práticas do pensamento de Rancière. Isso se manifesta na forma em como o movimento criou um espaço para expressões políticas anteriormente marginalizadas, alinhando-se com a noção de Rancière de política como a manifestação do dissenso e a reconfiguração do que é visível e do que é dito.

No entanto, para capturar a amplitude e a complexidade do fenômeno do Bolsonarismo, além de analisar a partir de fatos e interpretações, é imperativo delimitar um objeto de estudo mais específico que permita uma análise detalhada das estratégias e táticas

empregadas e do que consiste a estética nos termos que Rancière trabalha. Neste sentido, a campanha de Jair Bolsonaro em 2018, e em particular o uso do Facebook como ferramenta de comunicação e mobilização, oferece um microcosmo revelador para análise. Este recorte permite uma avaliação de como as grandes ideias que constituem a estética do Bolsonarismo foram operacionalizadas e manifestadas na prática.

A campanha no Facebook de Bolsonaro em 2018 ainda é um mundo muito grande, apesar de interessante. Por isso, essa análise irá se debruçar sobre o perfil do candidato, especificamente as postagens com imagens de 1 de agosto de 2018 até 31 de outubro de 2018, passando por pela intensificação da campanha em agosto, o atentado em setembro e os dois turnos em outubro. Ao investigarmos o estudo de caso das postagens de Bolsonaro no Facebook, é fundamental compreender como o Bolsonarismo, enquanto força política, tem aproveitado o poder das mídias sociais para criar uma nova estética de engajamento político. E como essa estratégia digital não só amplificou a mensagem de Bolsonaro, mas também reconfigurou a paisagem política, refletindo a ideia de Rancière de “comunidade estética”, onde a reconfiguração de espaços e formas de engajamento comunitário redefine o campo político. A mediação, conforme delineado por Stig Hjarvard, é crucial para abordar estas questões, pois insiste que a mídia não está separada das instituições culturais e sociais, mas sim entrelaçada a elas, afetando e alterando seus processos característicos.

Neste contexto, o exame da estratégia de mídia social de Bolsonaro em torno da eleição de 2018 revelará a mecânica da mobilização digital do Bolsonarismo e suas implicações para o discurso democrático. Hjarvard (2012), autor trabalhado na citação de Milanezi (2019), pontua a dualidade da mídia como parte integrante do tecido social e cultural e, ao mesmo tempo, como uma entidade independente capaz de influenciar a interação entre diferentes setores. Ele define a mediação como um processo onde a sociedade se torna progressivamente dependente da mídia e de sua lógica:

(...) como consequência, a interação social — dentro das respectivas instituições, entre instituições e na sociedade em geral — acontece através dos meios de comunicação. O termo lógica da mídia refere-se ao *modus operandi* institucional, estético e tecnológico dos meios, incluindo as maneiras pelas quais eles distribuem recursos materiais e simbólicos e funcionam com a ajuda de regras formais e informais. A lógica da mídia influencia a forma que a comunicação adquire, como, por exemplo, a maneira da política ser descrita nos textos dos veículos de comunicação; a lógica da mídia também influencia a natureza e a função das relações sociais, bem como os emissores, o conteúdo e os receptores da comunicação. O grau de dependência aos meios de comunicação varia entre as instituições e os campos da sociedade. (HJARVARD *apud* MILANEZI, 2012, p. 25)

O Facebook, plataforma com uma vasta rede de usuários no Brasil, se revelou estratégico para a campanha de Jair Bolsonaro em 2018, oferecendo um meio direto e pessoal de comunicação, permitindo que Bolsonaro, assim como em outras redes, contornasse os canais de mídia tradicionais e estabelecesse uma conexão direta com os seus públicos. Através de postagens que variavam de declarações políticas a momentos pessoais, Bolsonaro cultivou uma imagem de um político *anti-establishment*, alinhado com os valores e preocupações do povo comum. A narrativa construída foi cuidadosamente projetada para ressoar com as frustrações e esperanças de uma população desiludida com a política tradicional. Por meio de uma combinação de mensagens populistas e nacionalistas, Bolsonaro conseguiu mobilizar uma base de apoio fervorosa, que não apenas consumia o conteúdo, mas também o disseminava ativamente e interagiu pessoalmente com as postagens.

Este estudo de caso do Facebook visa desvendar as táticas de comunicação de Bolsonaro, examinando como ele e sua equipe utilizaram a plataforma para criar uma estética convincente o suficiente que contribuíssem para sua vitória eleitoral e reconfiguração política, conforme trabalhamos a partir de Rancière. Ao analisar o conteúdo das postagens, a frequência das interações e o engajamento do público, podemos começar a compreender o papel crítico que o Facebook desempenhou em sua estratégia de campanha e como isso pode ter redefinido muito do fazer político no contexto brasileiro.

Para aprofundar a compreensão do uso do Facebook por Jair Bolsonaro, iremos aplicar as metodologias de estudo de caso, análise de conteúdo e análise crítica do discurso, conforme discutido por Yin e Bardin. A metodologia de estudo de caso de Yin (2001) é particularmente pertinente para investigar as postagens de Bolsonaro no Facebook, pois permite uma análise empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real. Yin destaca que “o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre fenômeno e contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p. 32). As postagens de Bolsonaro, portanto, são examinadas como parte integrante do contexto político, social e cultural do Brasil.

Em *Estudo de Caso: planejamento e métodos* (2001), Robert K. Yin indica uma discussão sobre as estratégias analíticas e a composição do relatório de estudo de caso. Nele, apresenta uma abordagem estruturada para a análise e composição de estudos de caso, enfatizando a necessidade de estratégias analíticas claras e uma estrutura de relatório bem definida. As estratégias analíticas são essenciais para a análise de evidências em estudos de caso, sendo um dos aspectos mais desafiadores na condução desses estudos. As estratégias



analíticas gerais incluem a adequação ao padrão, a construção da explicação, a análise de séries temporais e os modelos lógicos de programa, que são métodos efetivos para preparar a base para estudos de caso de alta qualidade (YIN, 2001). Quanto à composição do relatório de estudo de caso, Yin destaca a importância de identificar o público-alvo, desenvolver uma estrutura de composição e adotar procedimentos específicos. Essas estruturas são aplicáveis a estudos de caso descritivos, exploratórios e explanatórios, e a escolha de uma estrutura deve ser feita antecipadamente para facilitar o planejamento e a condução do estudo.

Yin (2001) estabelece que o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que explora um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente evidentes. A metodologia do estudo de caso é particularmente adequada para responder a perguntas do tipo “como” e “por que”, proporcionando um entendimento holístico e significativo dos eventos da vida real. Yin (2001) argumenta que o estudo de caso não é uma técnica de coleta de dados por si só, mas uma estratégia de pesquisa que engloba uma lógica de planejamento, coleta de dados e análise específica. Yin também enfatiza a importância de formular uma teoria antes de coletar dados, pois isso direciona a coleta e a análise dos dados e ajuda a manter o foco do estudo. A estrutura de um estudo de caso, conforme delineado por Yin, envolve a definição clara de questões de pesquisa, a formulação de proposições, se aplicável, a determinação da unidade de análise, a ligação dos dados à proposição e o estabelecimento de critérios para interpretar os achados.

A análise de conteúdo de Bardin (1977) complementa essa abordagem ao permitir um exame detalhado do discurso, considerando não apenas o texto, mas também o subtexto e os elementos não-verbais da comunicação. Bardin argumenta que “a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (Bardin, 1977, p. 44), o que é crucial para entender as estratégias de comunicação de Bolsonaro e como elas ressoam com o eleitorado

No livro homônimo (1977), Bardin fala sobre a distinção entre a análise de conteúdo e a linguística, que, embora compartilhem um interesse comum pela linguagem, divergem significativamente em seus objetos de estudo e metodologias. A distinção fundamental entre língua e fala, conforme proposto por Saussure, é central para compreender essa divergência. Enquanto a linguística foca na “língua, quer dizer, o aspecto coletivo e virtual da linguagem”, a análise de conteúdo se concentra na “palavra, isto é, o aspecto individual e atual (em ato) da linguagem” (BARDIN, 1977, p. 43). A linguística opera com uma língua teórica, descrevendo regras de funcionamento abstratas, ao passo que a análise de conteúdo examina a prática da

língua por emissores identificáveis, buscando compreender “os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado” (BARDIN, 1977, p. 43).

A metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin é uma ferramenta metodológica que se desdobra em três etapas fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inerentes ao processo de investigação qualitativa. A pré-análise é descrita por Bardin como um momento de organização e sistematização das intuições iniciais, que visa estabelecer um plano de análise preciso e operacional. Bardin afirma que “trata-se de estabelecer um programa que, podendo ser flexível, quer dizer, que permita a introdução de novos procedimentos no decurso da análise, deve, no entanto, ser preciso” (BARDIN, 1977, p. 95). Esta etapa é crucial para definir o curso da análise, onde a familiarização inicial com o material ocorre através de uma leitura flutuante, que permite ao analista absorver as primeiras impressões e orientações do texto. A seleção dos documentos é guiada por princípios rigorosos, onde Bardin estabelece que “uma vez definido o campo do corpus, é preciso terem-se em conta todos os elementos desse corpus” (BARDIN, 1977, p. 97), assegurando a exaustividade e representatividade do material analisado. A homogeneidade também é destacada como um critério de seleção, onde os documentos devem “obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora destes critérios de escolha” (BARDIN, 1977, p. 98). Esta homogeneidade é fundamental para garantir que os resultados da análise possam ser comparáveis e, portanto, válidos. A formulação de hipóteses e objetivos é um passo que Bardin descreve como a criação de “uma afirmação provisória que nos propomos verificar” (BARDIN, 1977, p. 97), e a construção de indicadores segue a seleção de índices que são organizados de forma sistemática. Quando se avança para a exploração do material, Bardin assegura que “a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 1977, p. 101), onde a codificação e enumeração dos dados são realizadas conforme as regras previamente estabelecidas. Esta fase é descrita como mecanicamente completa, embora possa ser longa e fastidiosa.

Finalmente, no tratamento dos resultados e na interpretação, Bardin instrui que os dados brutos devem ser transformados em resultados que sejam “significativos (‘falantes’)” (BARDIN, 1977, p. 101), permitindo ao pesquisador realizar inferências e interpretações fundamentadas. A análise de conteúdo, portanto, não é apenas um conjunto de técnicas, mas um processo interpretativo que exige rigor e sistematização em cada passo. Em resumo, a metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin exige uma preparação cuidadosa e

uma execução metódica, onde cada etapa é construída sobre a anterior, garantindo a integridade e a validade dos resultados.

Quanto à proposição de Yin, o presente estudo utiliza as questões como e por que para entender como se dá a estética aos termos de Rancière e porque certas características citadas tanto no capítulo 1 e 2 se traduziram nessas postagens na rede social. Além disso, essa proposição acontece em dois tempos, ou seja, a segunda é entender como essas estéticas influenciaram na política e por que elas influenciaram. Yin (2001) também define o estudo de caso como uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo em seu contexto real, especialmente quando fenômeno e contexto não são claramente separáveis. Envolve muitas variáveis e poucos dados, exigindo múltiplas fontes de evidências e o uso de teorias existentes para direcionar a coleta e análise de dados. Nesse sentido, esta pesquisa segue essa estrutura por tratar de um fenômeno contemporâneo, o Bolsonarismo, aqui analisado especialmente sobre suas estruturas gerais e também pelo recorte da eleição de 2018, onde ele consolida diversos públicos em um só eleito: Jair Bolsonaro. O outro exemplo é o fato de que não se entende bem as fronteiras do que é o Bolsonarismo e, especialmente, onde ele começa e porque ele começa, influenciados por um contexto factual de 2013 a 2017, mas também aparentemente consolidado após esse período por e em Jair Bolsonaro.

Usar Bardin (1977) para analisar esse conteúdo nos dará as ferramentas para descrever as bases do estudo de caso por Yin (2001). Para análises de conteúdo profundas, é essencial compreender o meio, o público, a linguagem, o texto, os significados e as intenções da mensagem. Neste trabalho, a análise de conteúdo e o estudo de caso serão aplicados para explorar as estratégias comunicativas do Bolsonarismo, com foco particular nas postagens de Jair Bolsonaro no Facebook. A estrutura da análise será guiada pelos *insights* de outros autores discutidos no primeiro capítulo, que iluminam as dinâmicas de poder e representação na esfera política. A investigação se concentrará em desvendar como as estruturas narrativas e visuais são empregadas para moldar a “partilha do sensível”, um conceito que se refere à maneira como nossa realidade comum é organizada e apresentada, influenciando o que é perceptível e compreensível no discurso público.

#### **4.2. O mito na rede azul, uma análise**

Neste estudo de caso, a escolha do Facebook como um dos meios que Bardin (1977) elenca como estruturas fundamentais para a análise de conteúdo não se dá à toa. O recorte que fizemos a pré-análise das postagens com foto do ex-presidente vai de 1 de agosto de 2018 até

31 de outubro de 2018, devido a maior efervescência do período eleitoral. A partir da coleta de *prints* do Facebook, num acesso único em 6 de novembro de 2023, o mês de agosto registrou 32 publicações com alguma espécie de imagem; em setembro foram duas a mais; em outubro, o mês no qual Bolsonaro se elegeu e aconteceram os dois turnos de 2018, foram 51 publicações na rede social. A escolha da rede social se baseia no fato de que, nesse período, foi nela que Bolsonaro mais acumulou seguidores. Seu perfil tinha mais de cinco milhões e meio de seguidores por volta do dia primeiro de agosto. Em setembro - apesar do Instagram quase dobrar o número de seguidores, alcançando três milhões de inscritos no dia 24 de setembro - o exato mês em que a página alcançou os seis milhões, no final do mês já tinha crescido em mais 500 mil.

Na véspera do segundo turno, dia seis de outubro, o Facebook de Bolsonaro já tinha 7 milhões de seguidores. Oito dias depois ele já tinha aumentado em mais meio milhão e, sete dias antes do primeiro turno, no dia 27 de outubro, já tinha alcançado o oitavo milhão. Nessa época, Bolsonaro era não só o político com mais seguidores no Brasil, mas em toda a América Latina (PODER 360, 2018). Era um dos políticos mais influentes no mundo em questões de redes sociais, o quarto para ser exato, alcançando 20 milhões de seguidores combinados em Instagram, Facebook, Twitter e Youtube logo após a sua vitória.

Para realizar uma pré-análise das estratégias de comunicação de Jair Bolsonaro nas redes sociais, conforme os termos propostos por Bardin, foram elaborados três quadros analíticos, referenciados no anexo deste trabalho, cada um correspondendo a um mês específico entre agosto e outubro de 2018. Esses quadros são estruturados com base em critérios como o mês, o número de aparições e, crucialmente, o tipo de postagem. O conceito de “tipo” aqui empregado funciona como uma espécie de enquadramento temático, categorizando as diversas ações de Bolsonaro nas redes sociais dentro dos padrões aparentes.

As categorias incluem classificações como “agradecimentos à base de apoio”; interações de “relacionamento”, que se configuram desde apoios de celebridades a relacionamento político; “avisos”, que são convocações para uma determinada agenda política até aviso para o primeiro turno; publicações sobre o “crescimento nas redes sociais”, que são postagens autorreferenciadas, demonstrando a força digital da campanha; “ataques à oposição e à imprensa”; e, mais importante, conteúdos que incorporam a ideologia e a campanha de Bolsonaro, que aqui foram chamados “ideologia/campanha”, uma área cinzenta em que o líder reforça e indica os caminhos, valores, estratégias, retóricas e estéticas. A partir dessa classificação principal, iremos analisar detalhadamente dois *prints* para cada mês, de forma a termos um panorama dessas postagens que evocam mais e fazem referência ao Bolsonarismo,

com apenas uma exceção em relação a isso, que serão as duas últimas postagens que versam mais sobre a oposição. Algo que, de toda forma, é uma estrutura importante ao Bolsonarismo no sentido de sua constituição.

Na análise das postagens de Jair Bolsonaro no Facebook durante o período eleitoral de agosto de 2018, de imediato, observa-se uma estratégia de comunicação multifacetada. Conforme evidenciado no Quadro 1, no anexo deste trabalho, as publicações realizadas por Jair Bolsonaro durante o mês se categorizam em nove padrões distintos. Estes incluem expressões de gratidão aos seus seguidores, interações relacionais, comunicações informativas, demonstração de crescimento em plataformas de redes sociais, resultados de pesquisas de intenção de voto, críticas direcionadas à oposição política, posicionamentos contra veículos de imprensa, bem como mensagens de cunho ideológico e de natureza eleitoral. Entre estas categorias, observou-se que as postagens com ênfase em ideologia e conteúdo de campanha eleitoral predominaram no período analisado, com sete publicações, seguida das constantes postagens avisando do rápido aumento nas suas quatro redes sociais, com cinco publicações.

**Figura 1: Captura de tela de postagem no Facebook de Jair Bolsonaro em 26 de agosto de 2018**



Fonte: Facebook<sup>2</sup>

Bolsonaro não apenas cultivou uma ideologia específica, mas também utilizou suas postagens para construir uma imagem planejada para responder a eventos e percepções. Uma delas é uma fotografia dele montando um cavalo na festa do peão de boiadeiro em Barreto.

<sup>2</sup> Disponível em: [facebook.com/photo/?fbid=1173005906181727&set=pb.100044022914395.-2207520000](https://facebook.com/photo/?fbid=1173005906181727&set=pb.100044022914395.-2207520000). Acesso em: 6 nov. 2023.

Esta imagem não é apenas uma demonstração de virilidade e força, mas também uma tentativa de se conectar com um eleitorado que valoriza a masculinidade tradicional e a robustez, além de conversar com um Brasil mais interiorano. A escolha de se apresentar em um ambiente rural e em uma atividade culturalmente significativa é uma estratégia para se distanciar da imagem de um político tradicional e se alinhar com valores mais populares e terrenos. Esse valor é elencado tanto por Castro (2018) quanto por Alonso (2019), como algo que característico do sensível que o Bolsonarismo busca encarnar quanto reproduzir:

No primeiro campo, a comunidade moral bolsonarista exhibe cerne patriarcal. Sua base é a hierarquia de gênero. Em postagens, declarações e fotos, a masculinidade surge como superioridade inata que capacita ao mando. Ostentam-se a virilidade congênita, dádiva da biologia, ou a inflada por suplementos e halteres. O corpo atlético, militarizado, comparece polissêmico: signo de boa saúde (a salvo das drogas), capacidade reprodutiva (preservada pela heterossexualidade) e disposição para o combate (o físico em detrimento do intelectual). Seu complemento igualmente “natural” é a subordinação feminina, cabendo às mulheres papéis prescritos. (ALONSO, 2019, p. 46)

Um valor que, como se pode observar, é logo referenciado no primeiro comentário: “É assim que ele vai segurar as rédeas desse Brasil. Fé em Deus e pé na tábua!”. Associando a característica de uma potência viral a uma capacidade de tomar o controle de um país desgovernado tal qual o cavalo. A metáfora do apoiador, apesar de simples, revela uma inserção além do racional mais simples para o que o líder do Bolsonarismo iria exercer.

**Figura 2: Captura de tela de postagem no Facebook de Jair Bolsonaro em 28 de agosto de 2018**



Fonte: Facebook<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Disponível em: [facebook.com/photo/?fbid=1174910665991251&set=pb.100044022914395.-2207520000](https://facebook.com/photo/?fbid=1174910665991251&set=pb.100044022914395.-2207520000). Acesso em: 6 nov. 2023.

Em outra postagem significativa, Bolsonaro reage a uma entrevista na Rede Globo, onde apresenta um livro sobre educação sexual, criticando sua suposta inclusão no currículo escolar, retomando a discussão do *kit gay*. O *kit gay* foi uma expressão utilizada por Jair Bolsonaro e outros políticos conservadores para se referir a um suposto material didático que seria distribuído nas escolas para remover a homossexualidade entre crianças e adolescentes algo ignorado pela mídia conforme mostrado na legenda: "Um dos livros que ensinam sexo para crianças nas escolas que a Globo não quis mostrar!". Na verdade, o material nunca existiu nesse sentido, mas o fato do candidato segurá-lo nas mãos dá a ele uma força retórica muito grande por ser palpável, enquanto no seu discurso incita uma conspiração da imprensa, no caso a Globo. O kit original era composto de três filmes e um guia de orientação aos professores para apoiar no combate ao preconceito e discriminação de homossexuais no ambiente escolar (FOLHA, 2022). A fala foi desmentida pelo Ministério da Educação em 2016 e pela Fundação Biblioteca Nacional em 2011 (CARTA CAPITAL, 2018). Ainda assim, a prática do ex-capitão ao longo dos anos de reciclar e distorcer situações para ganho político, mostra que parte desse jogo em que ele participa, com uma comunicação mais direta a base de esteróides que são as redes sociais, cria uma distribuição daquilo que Rancière (2005) estabelece como partilha do sensível. E o que mostra outras dinâmicas do que pode ser percebido como real e o que é de fato real.

Esta postagem é estratégica, pois visa mobilizar preocupações morais e conservadoras de seu eleitorado, posicionando-o como um defensor dos valores familiares tradicionais contra uma suposta agenda progressista. Uma pesquisa feita pelo Avaaz<sup>4</sup>, em parceria com o Idea Big Data e publicada pelo jornal Folha de S. Paulo (PASQUINI, 2018) mostra uma eficiência do Bolsonarismo em fazer suas mensagens e narrativas, ainda que falsas, terem uma adesão grande. O levantamento mostra que 98% dos eleitores de Bolsonaro entrevistados foram expostos a uma ou mais das cinco notícias falsas mais populares, sendo que 90% acreditaram em alguma delas, 84% acreditaram no *kit gay* e 74% na fraude nas urnas. "O saldo do bombardeio de desinformação é uma espécie de anomia informacional, um quadro caótico no qual os parâmetros que permitiriam a distinção entre verdade e mentira se diluem (...) ênfase e convicção sobrepõem-se à conformidade ao fato" (CASTRO, 2019, p. 20). Esse aspecto fluido sobre o qual Castro fala é uma das frentes que nos permite relacionar

---

<sup>4</sup> Disponível em:

[https://avaazimages.avaaz.org/PO%20IDEIA%20-%20Relatorio%20AVAAZ\\_v2\\_PO%20version%20%281%29.pdf](https://avaazimages.avaaz.org/PO%20IDEIA%20-%20Relatorio%20AVAAZ_v2_PO%20version%20%281%29.pdf). Acesso em: 10 dez. 2023

como a ideia de Jacques Rancière de disputa do campo, especialmente no que tange às novas formas de distribuí-lo no mundo virtual. De que o fato político seria muito mais suscetível a versão do que própria factualidade em si, no qual:

Há uma estética da política no sentido de que os atos de subjetivação política redefinem o que é visível, o que se pode dizer dele e que sujeitos são capazes de fazê-lo. Há uma política da estética no sentido de que as novas formas de circulação da palavra, de exposição do visível e de produção dos afetos determinam capacidades novas, em ruptura com a antiga configuração do possível. (ANCIÈRE, 2012, p. 63 *apud* MILANEZI, 2019, p. 46)

Bolsonaro certamente se beneficiou do uso das redes sociais, mas sua estratégia vai além disso. Não se trata apenas de um meio alternativo para a política, mas de uma nova forma e estética que criou uma divisão distinta na política, conforme descrito por Rancière (2005). Essa abordagem não é totalmente explicada apenas pelo uso das redes sociais, indicando uma mudança mais ampla na maneira de fazer política.

Adicionalmente, durante o mês, Bolsonaro respondeu à cobertura da mídia sobre ele ter uma cola na mão durante uma entrevista de maneira sagaz. No dia seguinte, numa entrevista à Globonews, ele apareceu intencionalmente com uma cola contendo um slogan de campanha, parecendo zombar da cobertura da mídia enquanto reforçava sua mensagem política e seu jeito simples, por vezes improvisado. Disso, fez uma oportunidade para reforçar seu slogan “Deus, pátria, família”, que, conforme matéria veiculada no UOL (2022), é uma citação direta do lema integralista, movimento surgido na década de 30 que ficou conhecido por ser o fascismo brasileiro, bebendo de ideias e estéticas tanto do nazismo e do fascismo italiano. Para além desse resgate histórico não declarado, essa ação demonstra a capacidade de virar o jogo contra seus críticos.

Paralelamente, Bolsonaro realizou ataques direcionados à oposição, focando em temas como legalização da maconha e aborto, associando-os a outros candidatos. Ele usou notícias e declarações para criticar alianças políticas contra ele, mostrando habilidade em manipular informações para fortalecer sua posição. Notavelmente, ele frequentemente revertia acusações de homofobia, machismo e discurso de ódio, destacando o que via como hipocrisia nas declarações de opositores anônimos nas redes sociais. Esta estratégia visava deslegitimar críticas e reforçar sua narrativa.

Durante o mês de setembro de 2018, a campanha de Jair Bolsonaro nas redes sociais passou por uma transformação diante do seu contexto. Este período foi caracterizado por um incremento acentuado nos ataques à oposição, com uma reação ao evento da facada, um marco que exigiu uma resposta diferente e que daria um novo tom na sua presença digital



Neste contexto, a campanha intensificou seus ataques contra a oposição, destacando-se pelo aumento para cinco postagens. O Partido dos Trabalhadores (PT) emergiu como o foco principal destes ataques, simbolizando a estratégia da campanha em promover uma polarização. A campanha de Bolsonaro utilizou uma mistura de críticas diretas e associações, além de uma forma de rechaçar críticas até mesmo daquele espectro mais próximo, exemplificados pela postagem em que Fernando Henrique, Hugo Chávez e Fidel Castro aparecem juntos numa foto. Esta imagem serviu para contrapor as críticas do PSDB, partido de FHC, que enfatizavam a radicalidade de Bolsonaro. A ideia, com essa suposta hipocrisia, tem o intuito de desacreditar a oposição e posicionar Bolsonaro como uma alternativa política distinta, claramente desalinhada dos partidos tradicionais até mesmo na direita. Esta abordagem era deliberada, visando não apenas criticar, mas também solidificar a imagem de Bolsonaro como um *outsider* na política convencional. Ademais, houve um incremento significativo nas postagens de relacionamento, abrangendo um leque variado de figuras públicas, incluindo políticos, futuros ministros, ex-atletas e outras celebridades. Esta estratégia buscava ampliar o alcance e a ressonância de Bolsonaro em diversos segmentos da sociedade brasileira por meio de rostos conhecidos ou não. Os gestos de agradecimento à sua base de apoio, como o reconhecimento ao grupo “Mulheres com Bolsonaro”, demonstraram uma tentativa estratégica de atenuar a rejeição em segmentos específicos do eleitorado, particularmente entre as mulheres.

A campanha também se valeu de postagens informativas para comunicar sobre desenvolvimentos legais significativos, como a absolvição de Bolsonaro pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em relação ao crime de racismo, e para mobilizar apoio, especialmente nas semanas que antecederam o primeiro turno das eleições. Essas postagens serviam como um canal vital para manter os seguidores atualizados e profundamente engajados com os desenvolvimentos da campanha.

Além disso, a campanha abordou temas ambientais e ideológicos, como evidenciado por uma postagem sobre a exploração turística de Angra, que poderia ser uma Cancún brasileira e que apresentava, de forma sutil, uma posição contrária às políticas ambientais vigentes. Paralelamente, a utilização de críticas por figuras como Olavo de Carvalho ao PT, acusando-o de apoiar regimes ditatoriais, ilustra a estratégia de Bolsonaro em intensificar um discurso ideológico polarizador.

**Figura 3: Captura de tela de postagem no Facebook de Jair Bolsonaro em 11 de setembro de 2018**



Fonte: Facebook<sup>5</sup>

No entanto, não há ponto mais nevrálgico neste mês e talvez em toda a campanha do que a facada sofrida pelo candidato por Adélio Bispo em seis de setembro de 2018. Após o atentado, a primeira postagem da campanha só aconteceu cinco dias depois e não mencionou diretamente o ataque, mas optou por uma montagem com um céu azul e uma bandeira do Brasil verde e amarelo e uma foto do futuro presidente com uma camisa nas mesmas cores dizendo “meu partido é o Brasil” e sendo iluminado pelo sol. Essa estética transmite uma mensagem de força e determinação. Esta escolha comunicativa foi deliberada para transformar um momento de vulnerabilidade em uma oportunidade para reforçar a imagem de Bolsonaro como um líder resiliente e focado em seus objetivos.

Ela é um exemplo de como a iconografia política pode ser empregada para construir e transmitir uma narrativa específica. Na foto, a escolha de cores patrióticas, a presença simbólica da bandeira nacional, à luz do sol que ilumina o candidato, a camisa igual àquela do dia da facada, tudo converge para comunicar uma mensagem de resiliência e esperança. O candidato é apresentado não apenas como um sobrevivente, mas como um líder visionário, messiânico, que está destinado a guiar a nação: um mito. Esta estética reforça Bolsonaro como uma figura imune às adversidades, fortalecendo sua posição política e emocional com o eleitorado. Uma recuperação pós-atentado poderia ter sido um período de vulnerabilidade, mas que foi transformado em uma oportunidade para solidificar a imagem de Bolsonaro como

<sup>5</sup> Disponível em: [facebook.com/photo/?fbid=1186990738116577&set=pb.100044022914395.-22075200000](https://facebook.com/photo/?fbid=1186990738116577&set=pb.100044022914395.-22075200000). Acesso em: 6 nov. 2023.

um mártir resiliente, abençoado por uma força maior para conduzir o país. Esta narrativa visual é poderosamente resumida por Gonçalves (2021):

A própria facada tem uma relação mítica, pois, (...) foi desviada de tal modo para reforçar a imagem de herói nacional e de grande salvador, colocando Bolsonaro quase como uma figura religiosa: o homem abençoado e invencível que sobreviveu pois tinha uma missão principal, que era conduzir a nação para o futuro promissor. Se ela tivesse sido uma farsa, como alguns conteúdos e narrativas tentaram estabelecer, ela seria a perfeita construção do mito barthesiano dentro do mito político. (GONÇALVES, 2021, p. 9)

O incidente pode ser interpretado não apenas como um ato de violência que poderia enfraquecê-lo, mas como um evento quase providencial que confirma a predestinação do líder. Ao fazer isso, a campanha efetivamente coloca Bolsonaro no centro de uma narrativa heroica e nacionalista, onde ele não é apenas um candidato, mas um salvador. A imagem busca despertar um sentimento coletivo de urgência e destino, uma convocação para o eleitorado se unir em torno de uma figura que é retratada como capaz de superar qualquer desafio. Ao invés de focar na vulnerabilidade do ataque, foca-se na força e determinação, transformando um potencial ponto de fraqueza em um testemunho de coragem e força moral.

A linguagem utilizada por Bolsonaro no texto que acompanha a postagem no Facebook após a facada é carregada de simbolismo e intenção. Inicia-se com uma afirmação de vulnerabilidade universal e imediatamente transita para um tema de resiliência: “Não são poucas as vezes que achamos que é o fim. Ninguém está imune a isso, mas todos podemos nos reerguer e seguir adiante.” Esta mensagem é duplamente potente. Primeiro, ela humaniza o candidato, alinhando-o com as lutas cotidianas de seus seguidores. Segundo, ela projeta uma imagem de perseverança. O texto vincula a superação pessoal de Bolsonaro à de seus eleitores, sugerindo um paralelo entre a sua recuperação do atentado e a capacidade do povo brasileiro de superar adversidades.”

A declaração “Não deixemos que nos digam que é impossível vencer sem trapagens, sem vender a alma” pode ser interpretada como uma referência direta ao atentado, insinuando que existem aqueles que buscam subverter o processo democrático. A frase implica que o ataque pode ter sido uma tentativa de impedir sua ascensão política, o que, por implicação, sugere que sua campanha está enfrentando forças corruptas que temem sua eleição. Tal retórica solidifica a narrativa de Bolsonaro como um combatente contra o status quo corrupto, cuja eleição seria uma vitória da honestidade e dos princípios morais.

Otávio Iost Vinhas (2021) analisou a dinâmica de construção de significados em torno do evento da facada em Jair Bolsonaro, ocorrido durante a campanha presidencial brasileira.

No artigo, ele propõe uma metodologia de Análise Sociocibernética de Redes Sociais, utilizando métodos computacionais para entender a comunicação na sociedade como uma operação complexa. Através da análise de três períodos distintos no Twitter, Vinhas identificou como os significados atribuídos à facada evoluíram e, com o tempo, se polarizaram politicamente em torno de valores. Ele observou a formação de duas verdades relacionais opostas: sendo a adotada pelo Bolsonarismo a de “reduzir a complexidade do evento a uma tentativa de assassinato, como forma de evitar uma provável eleição do então candidato” (VINHAS, 2021, p. 34).

Nas postagens seguintes, Bolsonaro foi retratado no hospital, em imagens com variados tons e contextos. Uma fotografia o mostrava em um ambiente escuro, possivelmente aludindo à gravidade do atentado. Outras imagens incluíam um boletim médico e Bolsonaro trabalhando, com papéis e uma caneta, transmitindo a mensagem de que, mesmo em recuperação, ele permanecia dedicado ao trabalho pelo Brasil. Esta narrativa visual buscava gerar empatia e reafirmar o compromisso de Bolsonaro com sua campanha e com o país. Além disso, uma foto de agradecimento pelo apoio recebido mostrava Bolsonaro caminhando pelo corredor de um hospital ao lado de seu filho, Carlos Bolsonaro, destacado como um dos principais arquitetos da estratégia digital da campanha. Esta imagem servia para reforçar a percepção de recuperação e gratidão, elementos fundamentais na construção dessa narrativa.

**Figura 4: Captura de tela de postagem no Facebook de Jair Bolsonaro em 15 de setembro de 2018**



Fonte: Facebook<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Disponível em: [facebook.com/photo/?fbid=1191794190969565&set=pb.100044022914395.-2207520000](https://facebook.com/photo/?fbid=1191794190969565&set=pb.100044022914395.-2207520000). Acesso em: 6 nov. 2023.

A estética escolhida para a campanha de Bolsonaro, que se manifesta na imagem de uma casa pintada com as cores da bandeira brasileira e o número 17, vai além da captura visual e transmite uma série de mensagens. A simplicidade da casa, longe de ser um mero acaso, é emblemática, refletindo uma campanha enraizada nos valores e no cotidiano do cidadão comum. Nunes (2022) nos leva a entender que essa escolha de design representa muito mais do que uma preferência estética; ela sinaliza uma aliança interclasses que é um dos alicerces do Bolsonarismo e da direita surgida na década passada: “Primeiro, seu caráter de aliança entre classes estabelecida em torno de alguns pontos de referência comuns, tanto identitários quanto políticos, que tendem a falar mais alto que as contradições entre os interesses divergentes que essa aliança agrega” (NUNES, 2022, p. 23).

Essa representação visual serve para conectar o candidato aos eleitores, invocando sentimentos de orgulho nacional e identidade coletiva. Ao apresentar um banner em uma residência modesta, a campanha comunica que seu apoio transcende as elites, alcançando as raízes da sociedade brasileira. Isso confronta a narrativa de que o suporte a Bolsonaro é limitado a certos segmentos sociais, promovendo a imagem de um candidato do povo. A escolha de uma casa em vez de um outdoor convencional ou mídia paga sugere autenticidade e um suporte orgânico. É uma declaração visual de que o movimento político de Bolsonaro está estabelecido nas comunidades, independente do status socioeconômico.

A mensagem no banner “Muda Brasil de Verdade”, ao lado da imagem do candidato sorridente, é estrategicamente posicionada. O sorriso é um sinal de confiança e otimismo, e a promessa de mudança ressoa com aqueles que se sentem negligenciados pelas políticas atuais. Nunes (2022) esclarece que essa promessa de mudança se alinha com o caráter plural do Bolsonarismo: “(...) não devemos falar como se houvesse um movimento preexistente no qual alguns grupos pegaram carona em 2018, mas antes pensar o ocorrido nas eleições como resultado da confluência de diferentes vetores – vindos tanto ‘de cima’ quanto ‘de baixo’ – que já tinham muito em comum” (NUNES, 2022, p. 23).

O contraste entre a promessa no banner e o cenário modesto sugere que a mudança prometida beneficiará todas as camadas da sociedade, especialmente as mais desfavorecidas. A campanha de Bolsonaro, portanto, utilizou a estética de suas postagens para transmitir mensagens subliminares e conscientemente tentar ampliar o apelo do candidato, desafiando estereótipos e mostrando uma frente unida e diversificada. Este marketing político não apenas destaca a popularidade do candidato, mas também molda a percepção pública, reforçando a imagem de uma campanha que é inclusiva, popular e patriótica. Através da integração das análises de Nunes, percebemos que as matrizes discursivas do Bolsonarismo, embora variem

entre os grupos sociais, criam um espaço de encontro onde os significados divergentes encontram uma harmonia política singular.

Por meio da imagem dessa casa pintada, a campanha de Bolsonaro transmite uma narrativa onde a mudança é não apenas possível, mas iminente e acessível a todos. A estética selecionada é um gesto de inclusão, uma convocação visual para que indivíduos de todas as esferas sociais se vejam como parte integrante da mudança prometida, o que é reforçado pela legenda. Isso sugere um movimento que transcende as divisões econômicas e sociais tradicionais, apelando para um sentimento comum de patriotismo e desejo de renovação. Essa promessa de mudança se torna ainda mais convincente quando apresentada em um contexto que muitos eleitores podem reconhecer e se identificar - uma casa pobre, não um palanque distante ou um estúdio de televisão.

A campanha de Bolsonaro, através de suas escolhas estéticas e discursivas, buscou estabelecer uma conexão direta e pessoal com os eleitores, transformando cada casa em um potencial outdoor de campanha, cada parede pintada em um testemunho de apoio. Essa tática de campanha reflete uma compreensão de que as identidades políticas e os valores podem, de fato, cruzar as fronteiras de classe e espaço, criando uma coligação de apoiadores unidos não apenas por um líder, mas por um conjunto de ideais e percepções que eles percebem como fundamentais para o futuro do país. A campanha não apenas comunica uma mensagem, mas fomenta a construção de uma comunidade, um movimento que, nas palavras de Nunes, é sustentado tanto pela política no topo quanto por fortes afinidades eletivas na base, redefinindo as dinâmicas tradicionais de poder e participação política no Brasil.

#### **4.3. Outubro, o mês da consolidação do Bolsonarismo**

Durante o período eleitoral de outubro de 2018 no Brasil, a campanha de Jair Bolsonaro empregou uma estratégia de comunicação que aumentava o tom e a quantidade de mensagens. A análise da distribuição e frequência das postagens, segundo a tabela número 3, revela uma manobra para cultivar uma imagem mais aberta de Bolsonaro, buscando refletir um apoio que se estende além das expectativas tradicionais, uma forma de aplacar a rejeição. A significativa presença de postagens categorizadas como “relacionamento/apoio” e “declaração”, ambas com dez aparições, ilustra um esforço para construir uma narrativa de amplo apoio popular, encarnado em declarações de apoio de jogadores de futebol, celebridades e políticos. A redução nas postagens de “agradecimento à base”, com uma única aparição, contrasta com essa abordagem expansiva, indicando uma transição de solidificar a

base existente para angariar um apoio mais amplo e diversificado, abrangendo uma gama de figuras públicas e reduzindo possíveis rejeições.

A campanha buscou comunicar uma imagem de Bolsonaro que fosse resiliente e assertiva, como demonstrado pelas respostas rápidas e desafiadoras a acusações e críticas, frequentemente rotuladas como fake news ou tentativas de difamação, refletindo uma postura combativa e uma estratégia de confrontação. A intensificação dos ataques contra a oposição, particularmente ao PT e a Fernando Haddad, se materializa na categoria “oposição”, com oito aparições, e “ataque à imprensa”, sugerindo uma campanha empenhada em minar a credibilidade dos adversários e da mídia tradicional.

O uso sofisticado de artes gráficas e visuais foi estratégico para comunicar suas mensagens políticas de forma impactante e acessível, refletido nas categorias “ideologia/campanha” que iremos analisar nesse período mais a frente, mas também na categoria já mencionada “declaração”, em que ele usava de pequenas frases aplicadas a imagens para reverberar seus discursos enquanto recusava aparições nos debates televisionados ou em canais consideradas inimigos, especialmente a Rede Globo. As representações visuais não apenas transmitiram as mensagens políticas, mas também funcionaram como ferramentas de esclarecimento, simplificando questões complexas e apresentando soluções de fácil compreensão ao eleitorado. Essas postagens visuais foram cuidadosamente elaboradas para refutar acusações e reforçar a imagem de Bolsonaro e seus valores diante de um público que buscava clareza e assertividade.

Por conta desse ofensiva frente a oposição, especialmente ao PT diante da disputa que se arrolou ao longo do mês, analisaremos postagens da categoria “oposição”, de forma mais conjunta, sendo a primeira delas:

**Figura 5: Captura de tela de postagem no Facebook de Jair Bolsonaro em 9 de outubro de 2018**



Fonte: Facebook<sup>7</sup>

A imagem em questão, uma postagem de campanha de Jair Bolsonaro datada de 9 de outubro de 2018, apresenta toda uma estética, aqui no sentido mais comum da palavra, que busca transmitir uma mensagem política específica, simples e de rápida apreensão. O lado esquerdo da imagem mostra figuras associadas ao Partido dos Trabalhadores (PT), com uma imagem estilizada do ex-presidente Lula atrás das grades numa expressão agressiva, raivosa, acompanhado de Fernando Haddad, o candidato do PT no pleito vestindo uma camiseta com a inscrição Lula Livre. A representação visual invoca o contexto da prisão de Lula, com uma associação simples da oposição com a própria criminalidade, apelando para as emoções e percepções do eleitorado já correntes. Em contraste, na direita, vê-se um Bolsonaro vestindo terno e gravata em frente à bandeira do Brasil, transmitindo uma imagem de ordem e autoridade. Sua postura, com os braços cruzados e uma expressão séria, comunica confiança e determinação. A disposição dos elementos na imagem não é apenas uma escolha estética, mas uma cuidadosa construção de narrativa visual que contrasta a ordem representada por Bolsonaro com o caos simbolizado pela prisão de Lula e o apoio de Haddad a ele.

O texto “Em quem votarei? Analisando planos de governo” opera como um chamado à ação para que o público compare os candidatos não apenas visualmente, mas também em termos de suas propostas políticas. O uso do verbo analisar sugere um processo de decisão informado e racional, mas há a necessidade de fazermos um contexto aqui de que essa

<sup>7</sup> Disponível em: [facebook.com/photo/?fbid=1191794190969565&set=pb.100044022914395.-2207520000](https://www.facebook.com/photo/?fbid=1191794190969565&set=pb.100044022914395.-2207520000). Acesso em: 6 nov. 2023.



postagem é a capa de uma série de postagens que são artes comparando propostas de governo de Haddad frente a de Bolsonaro.

A escolha de cores é outra dimensão importante da construção da imagem e das ideias que ela passa. O lado esquerdo utiliza tons mais escuros e a imagem em preto e branco de Lula, que pode ser interpretada como uma sugestão de passado e transgressão. Em contraste, a imagem de Bolsonaro é vibrante, com as cores da bandeira do Brasil insinuando um futuro promissor e um retorno aos princípios de ordem e progresso, que são elementos da bandeira nacional.

A imagem encapsula a estratégia de comunicação de Bolsonaro de se posicionar como antítese do PT, enfatizando temas como a luta contra a corrupção e a promoção da lei e da ordem. Ao mesmo tempo, busca deslegitimar o oponente associando-o a figuras e ideologias que, na percepção de muitos eleitores, estariam em desacordo com os interesses nacionais. Assim, a estética da postagem não só comunica uma preferência política, mas também procura engajar o eleitorado em um diálogo sobre a direção futura do país. Aqui a construção sensível reflete toda uma forma de interpretação do mundo e do uso da estética visual como uma ferramenta política.

**Figura 6: Captura de tela de postagem no Facebook de Jair Bolsonaro em 12 de outubro de 2018**



Fonte: Facebook<sup>8</sup>

A imagem postada na campanha de Jair Bolsonaro em 12 de outubro de 2018 exibe uma estética que na mesma ideia da anterior reforça uma ideia de polarização, instigada tanto

<sup>8</sup> Disponível em: [facebook.com/photo/?fbid=1250114418470875&set=pb.100044022914395.-2207520000](https://facebook.com/photo/?fbid=1250114418470875&set=pb.100044022914395.-2207520000). Acesso em: 6 nov. 2023.

pelo contexto quanto pelo fato na disputa. O design divide claramente o espaço visual, com o lado esquerdo destacando Fernando Haddad e Lula — este último representado por uma foto em preto e branco e posicionado atrás de grades, o que reforça a mensagem de sua prisão, idêntica à anterior. O vermelho predominante nesta metade da imagem é tradicionalmente associado ao PT e pode ser interpretado como uma cor que evoca paixão e revolução, mas que, neste contexto, parece visar a invocar conotações negativas de alerta e perigo.

Em contraste, a metade direita, dedicada a Bolsonaro, usa as cores da bandeira nacional e apresenta o candidato em uma pose confiante e séria. O azul e verde transmitem uma sensação de estabilidade e esperança, e o uso dessas cores, juntamente com a inclusão da bandeira, pode ser visto como uma tentativa de associar Bolsonaro a valores como patriotismo e ordem. A mensagem textual “Bolsonaro gastou 25 vezes menos que o corrupto preso e seu fantoche” é contundente e direta, usando uma linguagem que visa desqualificar os oponentes e enfatizar a frugalidade e responsabilidade fiscal da campanha de Bolsonaro.

A relação de custo-benefício é central na mensagem transmitida pela imagem, onde os números de votos obtidos são diretamente comparados com os gastos de campanha, destacando uma mensagem de eficiência e responsabilidade. Essa abordagem quantitativa aos gastos da campanha sugere uma gestão econômica competente e um uso prudente dos recursos, qualidades valorizadas por eleitores preocupados com a integridade e a economia.

O emprego da palavra corrupto em relação a Lula e a insinuação de que Haddad é um fantoche reforça a narrativa de Bolsonaro de combate à corrupção e independência política. A escolha de termos como corrupto e fantoche não é apenas uma decisão lingüística, mas uma tática retórica que visa reforçar a percepção pública dos adversários como moralmente e politicamente inferiores.

A estética e a linguagem desta imagem representam uma ferramenta de comunicação política calculada que vai além da mera informação, procurando ativamente moldar as opiniões do público. O contraste visual, a escolha das cores e a comparação numérica funcionam em conjunto para criar uma narrativa persuasiva que destaca Bolsonaro como o candidato mais eficiente e ético. Esta postagem, portanto, se encaixa na estratégia mais ampla da campanha de Bolsonaro de se apresentar como uma alternativa aos políticos tradicionais, centrada na responsabilidade fiscal e na luta contra a corrupção, temas que ressoaram fortemente com muitos eleitores brasileiros na eleição de 2018.

As postagens de Jair Bolsonaro no Facebook, especificamente as do período eleitoral de outubro de 2018, demonstram uma estratégia de comunicação que transcende a mera transmissão de informações políticas, engajando-se na construção de uma narrativa estética

polarizada que visa estabelecer uma identidade política e social clara para o candidato e sua campanha. A análise dessas imagens nos permite observar as complexidades de como as representações visuais e as escolhas retóricas operam para influenciar e mobilizar o eleitorado. Como Nunes (2022) argumenta, “(...) essa linha de antagonismo agora era atravessada pela polarização entre petismo e antipetismo, que tenta se reafirmar como aspecto principal, e por um jogo complexo de alianças, cooptações e simbioses entre elementos do sistema político e setores sociais, organizados ou não” (Nunes, 2022, p. 141). O autor ainda aponta para a gênese de duas operações de polarização distintas: uma da extrema direita, que rejeita todos os atores políticos em nome das “pessoas comuns”, e outra do petismo, que se proclama como a única posição legítima de esquerda.

Assistimos aí à gênese de duas operações de polarização. A da extrema direita rejeita, no limite, todos aqueles que estão fazendo política, institucionalmente ou nas ruas; e os opõe às pessoas comuns que seriam suas vítimas, cuja unidade é como 'entre irmãos'... A operação da extrema direita tem vocação claramente hegemônica, já que se dirige a todos os que ainda não possuem uma identidade definida (o que é, em qualquer momento dado, a maioria). (NUNES, 2022, p. 149-150)

A representação visual na imagem de 9 de outubro, que contrasta figuras do PT com a imagem de Bolsonaro, é uma manifestação calculada dessa polarização. A estética empregada não é arbitrária; ela é carregada de significado e intencionalidade. A escolha estética de cores e imagens é uma ferramenta política. A campanha de Bolsonaro conseguiu agregar diversos segmentos da sociedade, muitos dos quais eram mantidos coesos por meio de chavões que faziam referência a um universo de sentidos dentro desse universo de oposição ao PT. Castro (2018) destaca que entre esses slogans, o antipetismo emergiu como um ponto de aglutinação, transformando o termo “petista” em sinônimo de esquerda em geral e de qualquer crítica a Bolsonaro. Além disso, a retórica anticorrupção adotada pela campanha não apenas mirava o desvio de dinheiro público, mas também a suposta corrupção dos valores morais e familiares. “Narrativas e afetos (...) ‘Antipetismo’, ‘anticorrupção’ e ‘retorno à ordem’ funcionam, pois, como ‘significantes vazios’ (...) que, ao unificar demandas variadas e ao opor nós a eles, erigem o Bolsonarismo como um populismo de extrema-direita” (CASTRO, 2018, p. 22).

Essa abordagem é corroborada pela imagem de 12 de outubro, que reitera essa polarização ao apresentar a mensagem de que Bolsonaro gastou significativamente menos em sua campanha do que seus adversários, sugerindo uma postura de responsabilidade fiscal e eficiência administrativa. O contraste entre as representações visuais de Bolsonaro e do PT é fortalecido pelo uso de termos como corrupto e fantoche, que, segundo Solano (2019), se

alinham com um sentimento crescente de antipartidarismo, antissistema e antiesquerdismo, elementos vitais para a ascensão de Bolsonaro. “Uma das questões que com mais insistência aparecem nas entrevistas como legitimadoras do voto em Bolsonaro é que ele representaria ‘alguém diferente’, um *outsider* e, mais ainda, um antissistema, alguém capaz de enfrentar uma lógica política totalmente corrompida” (SOLANO, 2019, p. 255).

Ao considerar essas imagens em conjunto com o contexto sociopolítico da época, fica evidente que Bolsonaro soube utilizar a estética e a retórica para construir uma imagem de si mesmo como um agente de mudança, apelando para um eleitorado cansado do *establishment* e sedento por renovação. Solano (2019) argumenta que os elementos antissistema, antipartidarismo, antipetismo e antiesquerdismo foram fundamentais para a eleição de Bolsonaro, capitalizando em uma rejeição generalizada ao velho e promovendo uma valorização da novidade política. A corrupção, segundo Solano, tornou-se o cerne dos argumentos contra o sistema, com os políticos profissionais sendo vistos como “sujos” e corruptos, e o próprio ato de fazer política despertando sentimentos de vergonha e rejeição.

Os elementos antissistema, antipartidarismo, antipetismo e antiesquerdismo seriam, de acordo com minhas pesquisas, fatores essenciais para a vitória do próximo presidente brasileiro... É a concepção binária do velho frente ao novo como nova categoria de enorme impacto político. O velho é rejeitado e a novidade política aparece como um valor em si mesmo... A corrupção se situa no centro dos argumentos do menosprezo pelo sistema. (SOLANO, 2019, p. 254-255)

A análise destas postagens reflete não apenas a capacidade de Bolsonaro de comunicar efetivamente suas mensagens, mas também de influenciar a narrativa política nacional, utilizando os recursos visuais e discursivos para estabelecer uma dicotomia clara entre si e seus oponentes, e, por extensão, entre o passado e o futuro desejado para o Brasil.

Conforme Castro (2018) destaca, a campanha de Bolsonaro conseguiu articular uma base diversificada, reunindo segmentos com valores variados e até contraditórios. Esta estratégia refletiu um esforço de mobilização que ia além do tradicional binarismo político, abraçando uma pluralidade de identidades e posicionamentos. O antipetismo serviu como um poderoso catalisador nesse processo, funcionando como uma consigna polissêmica que unificava diferentes grupos sob um discurso comum de oposição não só ao PT, mas também a um espectro mais amplo de ideias e políticas associadas à esquerda. Essa abordagem criou um novo paradigma no cenário político brasileiro, onde as antigas dicotomias partidárias foram substituídas por uma luta ampla entre valores percebidos como tradicionais e progressistas.

Solano (2019) vai além ao enfatizar o papel do afeto na política de Bolsonaro. A esperança atrelada à sua figura indicava um desejo de mudança e de ruptura com o sistema político existente. O marketing de Bolsonaro soube transformar a imagem do político em uma figura *antimainstream*, captando sentimentos de protesto, frustração e raiva contra o sistema político. Esta habilidade de Bolsonaro de apelar aos sentimentos de seu eleitorado, articulando um discurso que vai além da mera política partidária, é crucial para entender sua ascensão e o forte apoio que conseguiu mobilizar. “O marketing de Bolsonaro consegue transformar o antigo deputado federal numa figura *antimainstream*, capaz de capturar o voto de protesto, frustração e raiva contra o sistema político” (SOLANO, 2019, p. 255). Além disso, a campanha de Bolsonaro representou uma negação das diferenças políticas tradicionais, apresentando os adversários como inimigos não só de ordem política, mas também moral e religiosa. Esta política da inimizade, como Solano (2019) descreve, foi uma tática eficaz para consolidar o apoio ao redor de uma figura percebida como autêntica e antissistema. Bolsonaro capitalizou no medo e na manipulação dos afetos negativos como instrumentos políticos, atacando frequentemente o campo progressista e acadêmico com investidas morais. “A candidatura de Bolsonaro foi erguida e potencializada na negação das diferenças políticas e na moralização do debate público (...) Obviamente se trata de apelo contínuo ao medo e de manipulação dos afetos negativos como instrumento político” (SOLANO, 2019, p. 258-259).

No cerne dessa estratégia estava a mobilização de valores através de uma comunicação afetiva, um elemento crucial em um contexto de insegurança existencial. Bolsonaro, como parte de um fenômeno global da extrema direita, soube mobilizar ressentimentos, raivas e angústias, colocando a emoção no centro do debate político. A capacidade de Bolsonaro de comunicar efetivamente suas mensagens, estabelecendo uma dicotomia clara entre si e seus oponentes e mobilizando um amplo espectro de eleitores, reflete não apenas uma habilidade retórica, mas também um entendimento profundo dos afetos e emoções que impulsionam o comportamento político contemporâneo.

O fenômeno Bolsonaro e a extrema direita mundial (...) têm uma força simbólica enorme (...) A extrema direita seduz porque comunica com aspectos emocionais (...) Nesse sentido, a extrema direita está trazendo a política de volta porque faz a disputa de imaginários e subjetividades, coloca a emoção no centro do debate. (SOLANO, 2019, p. 261)

A abordagem de Bolsonaro, que combina uma estética visual polarizadora com uma manipulação habilidosa dos afetos e narrativas políticas, revela a complexidade e o poder da comunicação política na era digital. A capacidade de Bolsonaro de influenciar a narrativa política nacional e mobilizar um eleitorado diversificado demonstra como a política

contemporânea vai além das estruturas partidárias tradicionais, entrando em um domínio onde emoções, identidades e valores se tornam os principais motores da ação política.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma estética específica por Jair Bolsonaro, que leva à formação de uma estética característica do Bolsonarismo, é ilustrada nas postagens analisadas. Esta estética reflete um dos significados comuns identificados por Perez e Aquino (2018), caracterizando-se por uma série de ocorrências - ações ou expressões - que possuem um nexo entre si. As postagens mostram que essa estética do Bolsonarismo é marcada pelo uso frequente das cores verde e amarelo, pela simplicidade e um suposto amadorismo na comunicação, a hiper simplificação em binarismos, uso de memes e a construção da oposição como inimigo. Todos esses aspectos, além de outros não explorados neste trabalho, compõem a face mais evidente dessa estética.

No entanto, é importante salientar que essa abordagem é inicial e serve apenas como ponto de partida para explorar um conceito mais amplo de estética no contexto que este trabalho quis significar. Este projeto investigou como essa estética inicial refletiu para uma organização do sensível no âmbito político-eleitoral, tão intensa que transcendeu o *corpus* inicial, criando dissensos numa esfera mais pessoal, conforme teorizado por Jacques Rancière acerca dos seus conceitos de partilha do sensível, estética e política. Por meio de símbolos, slogans e uma comunicação direta e coloquial, Bolsonaro reconfigurou a partilha do sensível, estabelecendo um espaço sensorial que foi crucial em sua mobilização política e eleitoral em uma eleição que foi recheada de afetos. E, apesar de não termos os recursos para, a partir das postagens analisadas por classificações e das seis postagens analisadas mais a fundo, afirmar o quanto de impacto elas tiveram, podemos inferir que essa criação geral sensível da qual Bolsonaro encabeçou foi decisiva para a viabilização do seu movimento político, conforme os resultados eleitorais tanto no Executivo quanto no Legislativo mostraram.

O interessante do pensamento de Rancière, ao discutir estética, não a limita apenas à arte ou ao belo, mas a expande para abranger a organização do sensível, que inclui tudo o que é percebido e compreendido dentro de uma coletividade. Esta perspectiva abrangente da estética, que engloba tanto o sensorial quanto o cognitivo, é fundamental para entender a dinâmica entre estética e política. Rancière argumenta que as práticas estéticas são formas de ação que influenciam a organização geral das atividades humanas. Elas moldam a maneira como essas atividades interagem com os estados de ser e os padrões de percepção.

A campanha de Bolsonaro nas redes sociais, particularmente nos meses de agosto a outubro de 2018, ilustra uma implementação sofisticada das matrizes discursivas, como discutido por Nunes que, apesar de não parecerem, são também estéticas do Bolsonarismo à

luz de Rancière. Essas matrizes, entrelaçando afetividade, corporeidade e identificação política, criaram um diálogo dinâmico e interativo. A forma como Bolsonaro abordou temas como corrupção, moralidade e nacionalismo, e sua habilidade em se utilizar de eventos como a facada, evidenciaram uma comunicação que não apenas transmitia ideias, mas especialmente visava afetar os estados emocionais coletivos e construía uma realidade política alternativa. Os instrumentos estéticos utilizados na campanha de Bolsonaro, incluindo a escolha das cores, a linguagem simplificada e o apelo direto às emoções, não foram apenas estratégias de comunicação. Eles foram, crucialmente, meios para fomentar uma mudança mais ampla na estética política da sociedade. Esta mudança reflete uma alteração na forma como os indivíduos percebem e interagem com o cenário político, redefinindo o que é considerado normal ou aceitável dentro do espaço público. Esta realidade alternativa foi apoiada por uma infraestrutura organizacional que inclui igrejas, programas de TV, influenciadores no YouTube e grupos de WhatsApp, todos fundamentais para a disseminação e manutenção das ideias bolsonaristas.

A estratégia comunicativa de Bolsonaro estava intrinsecamente ligada à uma nova “partilha do sensível”, um conceito de Rancière (2005) que refere-se à distribuição do que é visível, dizível e pensável e, conseqüentemente, do que é politicamente possível. No contexto das redes sociais, essa partilha se tornou ainda mais crucial. Bolsonaro, através de suas postagens, não apenas construiu narrativas, mas redefiniu o que é percebido e conhecido, alterando a partilha do sensível no espaço público. Vale ainda dizer que as próprias redes sociais são um instrumento estético que até então não era primordial para a política eleitoral, mas que assumiu um protagonismo muito importante em ser um meio para qual essa estética inicial se pulverizasse pelo seus públicos e pelo eleitorado, conforme Castro (2018) ressalta.

As redes sociais, como destacado por Nunes, tornaram-se um terreno fértil para essas repartilhas do sensível. A construção de narrativas e a visualidade das causas sociais e políticas tornaram-se cruciais para a afirmação e legitimidade de diferentes grupos e ideologias. Nesse sentido, a política digital contemporânea, exemplificada pela campanha de Bolsonaro, é um campo em que a estética e a comunicação se entrelaçam de maneira muito potente, reconfigurando a relação entre o público e o político. Portanto, a estética da campanha de Bolsonaro deve ser compreendida não apenas em termos de sua aparência e mensagem imediatas, mas também no contexto mais amplo de como esses elementos estéticos são utilizados para moldar e influenciar a paisagem política e social. Ela não é um fim em si mesma, mas um meio para promover uma transformação mais profunda na política da sociedade. É crucial aqui distinguir as duas facetas da estética bolsonarista: a primeira,



relacionada à estética estrita da campanha, caracteriza-se pela construção específica e intencional de mensagens, que muitas vezes evocam emoções como raiva e indignação. Estes elementos estéticos específicos da campanha funcionam como instrumentos para promover a segunda faceta, que é a mudança estética mais ampla na sociedade - uma alteração na maneira como a sociedade se relaciona com seus tempos, espaços e alteridades.

A política, segundo Rancière, é um elemento crucial na partilha do sensível, atuando como um processo de mudança que é inerentemente estético. Esta noção de política vai além de uma estrutura organizacional, e representa o veículo através do qual novas possibilidades de existência são apresentadas, frequentemente desafiando e reconfigurando a ordem estabelecida. Essa abordagem dupla - enfocando tanto na estética da campanha quanto na mudança estética mais ampla na sociedade - destaca a natureza intrinsecamente política da estética. No caso do Bolsonarismo, a estética não é apenas uma questão de estilo ou apresentação, mas um elemento fundamental na promoção de uma nova forma de relacionamento político e social.

Assim, a ascensão de Bolsonaro pode ser entendida não apenas como um evento político, mas também como um fenômeno estético que desafia as categorias tradicionais de análise política. Ele mobilizou emoções, criou uma sensação de urgência e crise, e se apresentou como a única resposta viável, demonstrando a capacidade da estética em moldar o espaço político e a percepção pública. A estética bolsonarista, portanto, é um exemplo claro de como a sensibilidade é instrumental na política, redefinindo seus termos. Bolsonaro, ao articular um discurso que vai além da mera política partidária, apelou aos sentimentos de seu eleitorado, capturando emoções de protesto, frustração e raiva contra o sistema político. Esta habilidade de Bolsonaro de mobilizar ressentimentos colocou a emoção no centro do debate político, redefinindo as fronteiras da política contemporânea na era digital.

A pesquisa sobre a estética política de Bolsonaro, sobre estéticas políticas da nova direita e até mesmo sobre o fenômeno do Bolsonarismo não se encerram. Esse ângulo de pensamento concedido pelo autor francês oferece um frescor, traz uma outra esfera para as análises de fenômenos políticos. Se pensarmos que em 2018, durante a campanha, tanto a maioria da mídia especializada quanto alguns analistas políticos não acreditavam na ascensão de Bolsonaro e do Bolsonarismo, somente isso já configura um pretexto para a continuidade das várias análises que surgiram após este evento histórico da política recente brasileira. Um evento que oferece material para diversas pesquisas e diversas formas de análise que possam vir, incluindo essa noção que Rancière traz de estética ou não. Mas, se nos apegarmos a ela, podem ser realizadas desde análise comparativas de estratégias de comunicação digital entre

diferentes lideranças políticas globais, enfocando como elas utilizam a estética para moldar a partilha do sensível; estudos do impacto a longo prazo das estratégias de comunicação de Bolsonaro na saúde da democracia brasileira, especialmente no que diz respeito à participação cívica e ao engajamento político, até a investigação sobre as formas de resistência e contra-narrativas que emergem em resposta a tais estratégias políticas, particularmente em ambientes digitais, para compreender como diferentes grupos sociais e políticos respondem e se adaptam a essas mudanças na partilha do sensível.

A ascensão de Bolsonaro e o fortalecimento do Bolsonarismo, como destacado por autores como Nunes e Solano, representam mais do que uma simples mudança no cenário político brasileiro: refletem uma transformação profunda na forma como a política é comunicada e percebida. A estratégia de comunicação adotada por Bolsonaro, que entrelaça narrativas políticas com estéticas visuais e discursivas, não apenas alcançou eficiência na mobilização de um amplo espectro de eleitores, mas também redefiniu as práticas políticas contemporâneas. Bolsonaro não apenas construiu narrativas, mas alterou a percepção do que é politicamente relevante, desafiando a ordem estabelecida e redefinindo as fronteiras do espaço público. A compreensão dessas dinâmicas é essencial para reconhecer a eficácia do Bolsonarismo em articular uma mensagem política que vai além do conteúdo literal das palavras e imagens. Suas postagens no Facebook, analisadas neste trabalho, são exemplos claros de como a estética e a retórica se fundem para criar uma realidade política alternativa, uma que apela ao emocional e ao sensível, estabelecendo um novo paradigma na política brasileira. Este fenômeno não se limita ao contexto nacional, mas reflete uma tendência global de movimentos políticos que utilizam estratégias similares para engajar e mobilizar seus eleitores, como evidenciado pela ascensão de figuras políticas de extrema direita em outras democracias. Portanto, a pesquisa sobre a estética política de Bolsonaro e do Bolsonarismo oferece uma janela para compreender não apenas um evento político isolado, mas um movimento mais amplo que desafia as convenções tradicionais da política. Ao concluir este estudo, fica claro que as estratégias de comunicação adotadas por Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2018 foram fundamentais para sua ascensão ao poder. Essas estratégias, que combinaram afeto, imagens e retórica, demonstraram como a política moderna é moldada pela capacidade de influenciar a percepção pública e de reconfigurar o que é politicamente visível e dizível. O fenômeno Bolsonaro, portanto, não é apenas um evento político, mas um fenômeno estético que ilustra a intersecção entre política e comunicação na era digital.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, A. **A comunidade moral bolsonarista**. In: Democracia em Risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ARAGÃO, Alexandre. Jair Bolsonaro: a trajetória militar e política do presidente que busca a reeleição. **JOTA**, 13 maio 2022. Disponível em: <https://www.jota.info/eleicoes/jair-bolsonaro-a-trajetoria-militar-e-politica-do-presidente-que-busca-a-reeleicao-13052022>. Acesso em: 8 nov. 2023.

ASPE, B. A Revolução do sensível. **Aisthe**, v. 7, n. 11, p. 61-88, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Aisthe/article/view/2192/1913>. Acesso em: 21 dez. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70, 1977.

BOLSONARO (RJ) é eleito deputado federal no RJ com o maior número de votos. **UOL**, 5 out. 2014. Disponível em: <https://www.uol.com.br/eleicoes/2014/noticias/mobile/2014/10/05/bolsonaro-rj-e-eleito-deputado-federal-no-rj-com-o-maior-numero-de-votos.htm>. Acesso em: 5 nov. 2023.

CALDAS, Manoela Abrahão. **Considerações sobre Arte e Política a partir da Filosofia de Jacques Rancière**. 2018. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CASTRO, Julio Cesar Lemes de. Neoliberalismo, guerra híbrida e a campanha presidencial de 2018. **C&S – São Bernardo do Campo**, v. 42, n. 1, p. 261-291, jan.-abr. 2020.

DIAS, Gabriel. Deus, Pátria, Família: de onde veio o lema fascista usado por Bolsonaro?. **UOL Notícias**, 29 ago. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/29/deus-patria-familia-lema-de-bolsonaro-tem-origem-fascista-entenda.htm>. Acesso em: 9 nov. 2023.

ELEITO, Bolsonaro insiste em fakenews sobre kit gay. **CartaCapital**, 30 out. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/bolsonaro-insiste-em-fakenews-sobre-kit-gay/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

GONÇALVES, Karina Stein de Luca. **Bolsonaro e a facada: a desinformação como agente de ruptura e de legitimação da imagem do "mito"**. In: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 4 a 9 out. 2021, Virtual. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021.

JAIR Bolsonaro alcança 20 milhões de seguidores nas redes sociais". **Poder360**, 4 nov. 2018. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/jair-bolsonaro-alcanca-20-milhoes-de-seguidores-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

MAZUI, Guilherme. Bolsonaro: 'Se o presidente da OAB quiser saber como o pai desapareceu no período militar, eu conto para ele'. **G1**, 29 jul. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/29/se-o-presidente-da-oab-quiser-saber-como-o-pai-desapareceu-no-periodo-militar-eu-conto-para-ele/>. Acesso em: 13 nov. 2023.

MATOS, Helder. **A Política no Pensamento de Jacques Rancière**. 2019. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MEDEIROS, Davi; ADRIANA, Laís. Como estavam as pesquisas para presidente a um mês da eleição de 2018? Veja essa e outras disputas. **Estadão**, 2 de set. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/pesquisa-para-presidente-primeiro-turno-2018-um-mes-bolsonaro-lula-haddad/>. Acesso em: 13 nov. 2023.

MILANEZI, Maicon José de Faria "**Elegemos um meme?!': Política e experiência estética nos memes de ação popular das Eleições 2018**". Dissertação (Mestrado em Comunicação) -- Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Bauru, 2019.

NICOLAU, Jairo. O triunfo do bolsonarismo. **Piauí**, ed. 146, nov. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-triunfo-do-bolsonarismo/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem**: Ensaio sobre o bolsonarismo e um mundo em transição. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

PASQUINI, Patrícia. 90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em fake news, diz estudo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 nov. 2018.. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news-diz-estudo.shtml>. Acesso em: 6 nov. 2023.

PEREZ, Clotilde; AQUINO, Vitor. Estética do consumo: uma perspectiva a partir da ecologia publicitária. **Revista Visualidades**, v. 16, n. 2, p. 301-318, 2018.

PINHO, Angela. Material que originou fake news sobre 'kit gay' apareceu em 2010; entenda. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/material-que-originou-fake-news-sobre-kit-gay-apareceu-em-2010-entenda.shtml>. Acesso em: 2 nov. de 2023.

PIRES, Carol. **Retrato Narrado**. São Paulo: Rádio Novelo, [s.d.]. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/retrato-narrado/>. Acesso em: 1 nov. 2023.

RANCIÈRE, J. **A partilha do Sensível**: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. 1a Ed., São Paulo; Editora 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento** – política e filosofia. Tradução de Angela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

REVEJA Jair Bolsonaro: explosivo desde 1986. **Veja**, 22 jun. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/reveja-jair-bolsonaro-explosivo-desde-1986>. Acesso em: 7 nov. 2023.

SOLANO, E. A bolsonarização do Brasil. In: **Democracia em Risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VINHAS, Otávio Iost. Os sentidos da Facada em Jair Bolsonaro: uma Análise Sociocibernética de Redes Sociais no Twitter. **Simbiótica**, v. 8, n. 4, set.-dez. 2021. Vitória, Brasil. ISSN 2316-1620.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## 7. ANEXOS

**Quadro 1: Postagens no perfil do Facebook de Jair Bolsonaro em agosto**

Mês	Aparições	Tipo	Descrição
Agosto	2	Agradecimento à base	Entrevista GloboNews (1), Presença na AMAN (2)
Agosto	2	Relacionamento	
Agosto	2	Aviso	
Agosto	5	Crescimento redes	
Agosto	4	Pesquisa de intenção de votos	
Agosto	3	Ataque à oposição	Vice de Marina e pautas morais (1) Haddad considerando apoio à Aleckmin no 2º turno (2) Postagem destacando "hipocrisia" opositor anônimo (3)
Agosto	3	Ataque à imprensa	
Agosto	4	Postagem sem conteúdo além de foto	
Agosto	7	Ideologia/Campanha	Currículo de Bolsonaro (1) Arte gráfica com manifesto de campanha (2) Arte com slogan e Bolsonaro fazendo "arminha" (3) Bolsonaro montando um cavalo(4), Bolsonaro com livro do "kit gay" na Globo (5) Bolsonaro com cola na mão na GloboNews (6) Notícia relatando ameaça do crime organizado as eleições (7)

Fonte: Facebook<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Disponível em: <https://web.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>. Acesso em: 6 nov. 2023.

**Quadro 2: Postagens no perfil do Facebook de Jair Bolsonaro em setembro**

<b>Mês</b>	<b>Aparições</b>	<b>Tipo</b>	<b>Descrição</b>
Setembro	2	Agradecimento à base	DF (1), grupo "Mulheres com Bolsonaro" (2)
Setembro	4	Relacionamento	
Setembro	2	Aviso	Absolvição pelo STF(1) Aviso do primeiro turno (2)
Setembro	7	Crescimento redes	
Setembro	5	Ataque à oposição	FHC com Chávez e Fidel (1), Contraposição com Haddad (2) Declarações de Lula (3) Reação a José Dirceu na campanha do PT (4) Repostagem de crítica de Olavo ao PT (5)
Setembro	1	Ataque à imprensa	
Setembro	3	Ideologia/Campanha	Relato de uma apoiadora (1), Imagem de uma casa simples (2) Exploração turística em Cancun (3)
Setembro	5	Sobre a facada	Post após o ocorrido (1) Foto no hospital (2) Foto no hospital com boletim médico (3) Foto no hospital trabalhando (4) Foto de agradecimento com Carlos no hospital (5)
Setembro	5	Declaração	

Fonte: Facebook<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Disponível em: <https://web.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>. Acesso em: 6 nov. 2023.

**Quadro 3: Postagens no perfil do Facebook de Jair Bolsonaro em outubro**

<b>Mês</b>	<b>Aparições</b>	<b>Tipo</b>	<b>Descrição</b>
Outubro	1	Agradecimento à base	Celebração do dia do médico (1)
Outubro	10	Relacionamento/Apoio	
Outubro	1	Aviso	"Esclarecimento" sobre acusação que jovem com suástica entalhada na pele não era de apoiador de Bolsonaro(1) Aviso do primeiro turno (2)
Outubro	8	Crescimento redes	
Outubro	8	Oposição	Post acusando campanha de Haddad de fake news (1), Contraposição com Haddad (2) Imagem com texto de declaração contra o PT associando a defesa do estupro(3) Manchetes relativizando a ausência de Bolsonaro nos debates(4) Arte gráfica comparando gastos(5). Post de Haddad ligando a suástica a apoiadores de Bolsonaro (6) Manchete com acusação de Caixa 2 sobre Haddad (7) Fala de Haddad sobre a vitória de Bolsonaro (8)
Outubro		Ataque à imprensa	
Outubro	6	Ideologia/Campanha	Arte contradizendo ataque as Bolsonaro (1) Arte estetizada comparando Bolsonaro x Haddad (2) Arte estetizada com Bolsonaro e logo da campanha (3) Arte com Bolsonaro anunciando a vitória (4) Arte com Slogan (5) Entrevista de Bolsonaro ao JN baixando o tom (6)
Outubro	1	Sobre a facada	
Outubro	5	Proposta de campanha	*Obs.: Durante este mês Bolsonaro fez uma série de postagens com artes comparando as propostas dele com Haddad
Outubro	1	Foto sem conteúdo	
Outubro	10	Declaração	*Obs.: Durante esse mês, algumas declarações estavam nas fotos em inglês

Fonte: Facebook<sup>11</sup><sup>11</sup> Disponível em: <https://web.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>. Acesso em: 6 nov. 2023.